

Um dos romances fundadores da moderna literatura nigeriana, *O mundo se despedaça* foi publicado originalmente em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria. Seu autor, Chinua Achebe, é um dos maiores escritores africanos da atualidade.

A história se passa em Umuófia, a aldeia mais temida da Ibolândia, terra do povo ibo, e o personagem central é o bravo lutador Okonkwo, um dos respeitáveis patriarcas da comunidade. Mas seu mundo, de repente, começa a ruir. Por razões internas, ligadas a rígidos códigos tribais, ele cai em desgraça dentro de sua própria tribo, e, logo em seguida, tem de lidar com uma nova e inesperada força: o colonizador branco. Esse contato, a princípio caracterizado apenas por um certo estranhamento, com o tempo vai se tornando francamente conflituoso e dramático.

"Chinua Achebe é um escritor mágico - um dos maiores do século xx."
Margaret Atwood

"Uma imaginação viva ilumina cada página. [...] Um romance que enxerga a vida tribal de um ponto de vista interno, genuíno."
Times Literary Supplement

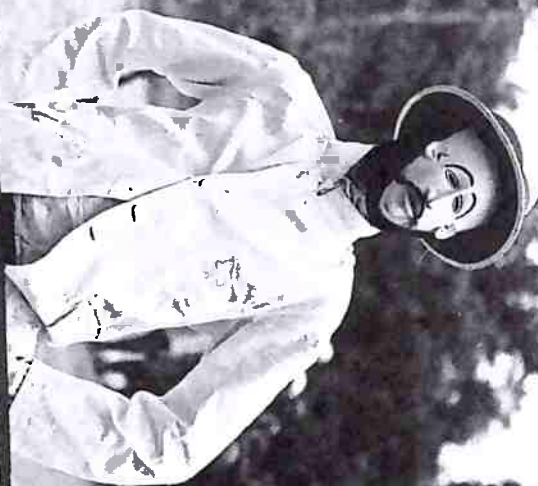
Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva
Introdução de Alberto da Costa e Silva

ISBN 978-85-359-1550-1
917855351915501

PARTE - 2

O MUNDO SE DESPEDAÇA CHINUA ACHEBE

O MUNDO SE DESPEDAÇA
CHINUA ACHEBE



COMPANHIA DAS LETRAS

COMPANHIA DAS LETRAS



10.

Uma grande massa de gente foi se reunindo no *ilo* da aldeia assim que a força do sol começou a diminuir e seu calor já não maltratava tanto o corpo. A maioria das cerimônias da comunidade realizava-se àquela hora do dia; e mesmo quando se avisava que um ato público qualquer teria início “após a refeição do meio-dia”, isso era entendido por todo mundo como se dando muito mais tarde, quando o calor do sol começasse a se abrandar.

Era evidente, pelas pessoas que iam se espalhando ao redor da praça, algumas de pé e outras sentadas, tratar-se de uma cerimônia para homens. Havia muitas mulheres também, mas elas ficavam de longe, olhando o movimento, meras espectadoras. Os detentores de títulos e os anciãos sentaram-se em seus bancos, à espera do começo dos julgamentos. Na frente deles, havia uma fileira de bancos vazios. Eram nove. Dois pequenos grupos de pessoas estavam de pé, voltados para os anciãos, um pouco adiante dos bancos, guardando uma respeitável distância deles. Um desses grupos era composto de três homens; o outro, de três homens e uma mulher. A mulher era Mgbafó e os três homens

que a acompanhavam, seus irmãos. O outro grupo era formado pelo marido de Mgbafó, Uzowulu, e por seus parentes. Mgbafó e seus irmãos estavam imóveis como estátuas em cujos rostos um artista tivesse esculpido o desafio. Uzowulu e seus parentes, ao contrário, cochichavam entre si. Mas apenas pareciam cochichar, porque na verdade falavam aos berros. Todo mundo falava. Parecia um mercado. A uma grande distância, levado pelo vento, o barulho semelhante o rimbombar do trovão.

De repente, ouviu-se o soar de um agogô, e suas batidas ergueram uma onda de expectativa na multidão. Todos olharam na direção da casa dos *egwugwus*. *Guim, gom, guim, gom* — soava o agogô, e o forte sopro de uma flauta fez-se ouvir, como um toque agudo de clarim. Depois, escutaram-se as vozes dos *egwugwus*, guturais e atemorizantes. Impressionadas, as mulheres e as crianças recuaram em desordem. Mas apenas por um momento. Pois o lugar onde se encontravam já era suficientemente afastado, e havia espaço bastante para que fugissem se algum *egwugwu* avançasse naquela direção.

De novo ouviu-se o agogô, e a flauta tornou a soar. A casa dos *egwugwus* transformara-se num pandemônio de vozes garganteadoras: *Aru oyim de de de dei!** Essas vozes enchiam o ar à medida que os espíritos dos ancestrais, recém-saídos da terra, saudavam-se uns aos outros em sua linguagem esotérica. A casa dos *egwugwus*, de onde eles emergiam, ficava de frente para a floresta, longe da multidão, que dela via apenas a parte traseira, sobre a qual havia uma infinidade de motivos decorativos e desenhos coloridos, feitos, a intervalos regulares, por mulheres especialmente escolhidas para isso. Nenhuma dessas mulheres jamais vira o interior da cabana. Nenhuma. Elas limpavam e pintavam as paredes externas sob a supervisão de homens, e, se por acaso

* *Aru oyim de de de dei!* — Deixe meu corpo frio fazer num bom lugar! (N. T.)

faziam qualquer suposição sobre o que havia lá dentro, tratavam de guardar para si mesmas essas idéias. Mulher nenhuma fazia perguntas sobre o mais poderoso e mais secreto culto da tribo.

Aru ojim de de dei! — eram as palavras que flutuavam em torno da cabana escura e fechada, palavras que semelhavam línguas de fogo que contivessem os espíritos ancestrais da tribo. O agogó batia incessantemente e o som da Hauta, forte e penetrante, pairava sobre a confusão.

E então apareceram os *egwugwus*. As mulheres e as crianças gritaram de pavor e puseram-se em fuga. Era uma reação instintiva: as mulheres costumavam fugir mal avistavam os *egwugwus*. E quando, como naquele dia, nove dos mais importantes espíritos mascarados saíam ao mesmo tempo, o espetáculo era terrível. Até mesmo Mgbafo tentou fugir, e teve de ser agarrada pelos irmãos.

Cada um dos nove *egwugwus* representava uma das aldeias da tribo. O líder do grupo chamava-se Floresta Maldita. Nuvens de fumaça saíam de sua cabeça.

As nove aldeias de Umuófia tinham nascido dos nove filhos do primeiro chefe da etnia. Floresta Maldita representava a aldeia de Umueru, ou seja, dos filhos de Eru, o mais velho dos nove.

— *Umuófia kwenu!* Povo de Umuófia, estamos de acordo? — gritou o líder dos *egwugwus*, gesticulando violentamente com seus braços de ráfia.

Os anciãos da tribo responderam: — *Yadi Simi!*

— *Umuófia kwenu?*

— *Yadi!*

— *Umuófia kwenu?*

— *Yadi!*

Então, Floresta Maldita enfiou na terra a ponta de seu cajado cheio de guizos. E o cajado começou a chocalhar e a tremeter,

como se tivesse uma vida metálica. Floresta Maldita sentou-se no primeiro dos bancos vazios, e os outros oito *egwugwus* também se acomodaram, por ordem de antiguidade.

As esposas de Okonkwo, e possivelmente também outras mulheres, talvez tivessem observado que o segundo *egwugwu* tinha o mesmo andar saltitante de Okonkwo. E talvez tivessem observado, além disso, que Okonkwo não se encontrava entre os detentores de títulos e os anciãos, sentados atrás da fila dos *egwugwus*. Mas, se notaram tudo isso, nada comentaram com ninguém. O *egwugwu* de andar saltitante era um dos antepassados da etnia. Tinha um aspecto horripilante, com seu corpo de ráfia a exalar fumaça e uma gigantesca máscara de madeira toda pintada de branco, à exceção dos buracos redondos e dos dentes, grandes como dedos de homem, tismados de carvão. A cabeça era encimada por dois enormes chifres.

Depois que todos os *egwugwus* se sentaram e o tilintar das campainhas diminuiu de intensidade, Floresta Maldita dirigiu-se aos dois grupos de pessoas à sua frente.

— Corpo de Uzowulu, eu te saúdo — falou. Os espíritos costumam endereçar-se aos vivos tratando-os por “corpos”. Uzowulu inclinou-se e tocou o solo com a mão direita, em sinal de submissão.

— Nosso pai, minha mão tocou a terra — disse ele.

— Corpo de Ozowulu, tu me conheces? — indagou o espírito.

— Como posso vos conhecer, ó pai? Estais além do nosso conhecimento.

Então, Floresta Maldita voltou-se para o outro grupo e, dirigindo-se ao mais velho dos irmãos, falou:

— Corpo de Odukwé, eu te saúdo. — E Odukwé inclinou-se e tocou o solo. E então teve início o julgamento.

Uzowulu adiantou-se e apresentou seu caso:

— Aquela mulher que ali está de pé é a minha esposa, Mgbafo. Casei-me com ela com meu próprio dinheiro e meus inhames. Nada devo aos meus cunhados. Não lhes devo inhames nem carás. Certa manhã, três deles vieram à minha casa, deram-me uma surra e levaram embora minha mulher e meus filhos. Isso aconteceu durante a estação das chuvas. Em vão esperei que minha esposa retornasse ao lar. Finalmente, fui à casa de meus cunhados e lhes disse: “Vocês tomaram sua irmã de volta. Não fui eu quem a mandou embora. Vocês a levaram. A lei do grupo diz que vocês têm de me devolver o equivalente ao prego que paguei por ela”. Mas meus cunhados declararam que nada tinham a me dizer. Por isso resolvi submeter o assunto aos pais da tribo. Meu caso terminou. Eu vos saúdo.

— Tuas palavras são boas — afirmou o líder dos *egwugwus*. — Ouçamos o que tem a dizer Odukwé. — As palavras dele também podem ser boas.

Odukwé era baixo e atarracado. Deu um passo à frente, saudou os espíritos e começou:

— Meu cunhado vos contou que fomos à casa dele, que o espancamos e levamos conosco sua mulher e seus filhos. Tudo isso é verdade. Disse-vos ainda que foi à nossa casa, a fim de obter a devolução do prego da noiva e que nós nos recusamos a dar-lhe o que pedia. Isso também é verdade. Meu cunhado é um animal. Minha irmã morou com ele nove anos. Durante todo esse tempo, não se passou um dia sem que ele lhe desse uma surra. Tentamos várias vezes intervir nas brigas do casal e em cada uma dessas ocasiões Uzowulu era culpado...

— É mental! — bradou Uzowulu.

— Há dois anos — prosseguiu Odukwé —, quando minha irmã estava grávida, ele a espancou tanto, que ela perdeu a criança.

— É mentira. Ela perdeu a criança depois de dormir com o amante.

— Corpo de Uzowulu, eu te saúdo — falou Floresta Maldita, fazendo-o calar-se. — Que espécie de amante é capaz de dormir com uma mulher grávida?

Ouviu-se um forte murmúrio de aprovação na massa de espectadores. Odukwé prosseguiu:

— No ano passado, quando minha irmã se recuperava de uma doença, ele bateu nela de novo e, se os vizinhos não tivessem acudido, ele a teria matado. Nós soubemos do que se passava e fomos buscá-la de vez. A lei de Umuófa diz que, se uma mulher foge da casa do marido, seus parentes têm de devolver o prego pago por ela. Mas, neste caso, ela fugiu para salvar a pele. Seus dois filhos são de Uzowulu. Não discutimos isso, mas achamos que eles são ainda pequeninos demais para sair de junto da mãe. Se, por outro lado, Uzowulu se curasse de seus ataques de loucura e viesse, com bons modos, pedir à mulher que voltasse, ela o faria sob a seguinte condição: se ele voltasse a espancá-la, nós lhe cortaríamos os órgãos genitais.

A multidão explodiu em gargalhadas. Floresta Maldita levantou-se e a ordem prontamente se restabeleceu. Uma nuvem de fumaça saía sem cessar de sua cabeça. Depois, tornou a sentar-se e chamou duas testemunhas. Ambas eram vizinhas de Uzowulu e deputeram que as surras eram verdadeiras. Floresta Maldita ficou de pé, arrancou o cajado do chão e enfiou-o novamente no solo. Deu uma pequena corrida na direção das mulheres: todas fugiram atemorizadas, para logo em seguida regressar aos mesmos lugares de antes. Os nove *egwugwus* saíram, então, rumo à cabana sagrada e nela entraram, a fim de discutir o caso. Perna-neceram silenciosos por longo tempo. De súbito, o agogô retiniu e a flauta foi de novo soprada. Os *egwugwus* regressavam de sua morada subterrânea. Cumprimentaram-se entre si e voltaram ao ilo.

— *Umuófa kwenu!* — rugiu Floresta Maldita, encarando os anciãos e os homens eminentes da tribo.

— *Yael* — trovejou a multidão, e depois o silêncio baixou do céu, engolindo o barulho.

Floresta Maldita começou a falar e, durante o tempo inteiro de sua fala, todos se mantiveram calados. Os outros oito *egwugwus* estavam imóveis como estátuas.

— Ouvimos os dois lados do caso — declarou Floresta Maldita. — Nosso dever não é culpar esse homem ou elogiar aquele outro, mas, sim, solucionar a questão.

Virou-se na direção do grupo de Uzowulu, fez uma pequena pausa e exclamou:

— Corpo de Uzowulu, eu te saúdo.

— Nosso pai, minha mão já tocou o solo — afirmou Uzowulu ao terminar o gesto.

— Corpo de Uzowulu, tu me conheces?

— Como poderia vos conhecer, ó pai? Estais além do nosso conhecimento — respondeu Uzowulu.

— Eu sou Floresta Maldita. Sou capaz de matar um homem no dia em que a vida lhe for mais doce.

— É verdade — disse Uzowulu.

— Vá à casa de teus cunhados, com uma cabaça de vinho, e suplica à tua mulher que volte. Não é um ato de coragem brigar com uma mulher.

Depois voltou-se para Odukwé, de novo fazendo uma breve pausa:

— Corpo de Odukwé, eu te saúdo.

— Minha mão está tocando a terra — replicou Odukwé.

— Sou Floresta Maldita; sou Carne-seca-que-mata-a-fome; sou Fogo-que-queima-sem-gravetos. Se teu cunhado te trouxer vinho, deixa tua irmã ir com ele. Eu te saúdo.

Dizendo isso, arrancou o bastão da terra dura e tornou a fincá-lo no solo.

— *Umuófa kwenú?* — berrou, e o povo respondeu.

— Não sei por que semelhantes ninharías têm de ser trazidas aos *egwugwus* — comentou um dos anciãos com um comentário.

— Você não sabe que espécie de homem é Uzowulu? Não acataria nenhum outro tipo de decisão — argumentou o outro.

Enquanto conversavam, dois novos grupos de pessoas tinham substituído os anteriores e se iniciava um grande caso de disputa de terras.

11.

A escuridão era impenetrável. A lua surgia cada noite mais tarde e já agora só era vista de madrugada. E quando a lua abandonava a noite, aparecendo no céu ao cantar do galo, tudo era escuro como o carvão.

Ezinma e a mãe estavam sentadas numa esteira estendida no chão, após terem acabado a ceia de pião de inhame e sopa de folha-amarga. De um lampião a óleo de palma saía uma luz amarelenta. Sem ela, seria impossível comer, pois, na escuridão daquela noite, ninguém conseguiria sequer encontrar a própria boca. Havia um lampião aceso em cada uma das quatro cabanas do *compound* de Okonkwo, e cada uma delas, olhada de dentro das outras, parecia um suave foco de branda luz amarela incrustada na solidez da noite.

Tudo estava silencioso, só se ouvindo o canto agudo dos insetos, que era parte da noite, e o ressoar do pilão de Nwayieke, que amassava o seu *foo-foo*. Nwayieke morava quatro *compound*s adiante e era célebre por sua mania de cozinhar tarde. Todas as mulheres da vizinhança conheciam o som das batidas de pilão de Nwayieke, pois isso também era parte da noite.

Okonkwo havia comido os pratos preparados por suas mulheres e estava agora recostado na parede. Remexeu no seu sacco de pele de cabra e dele retirou a garrafa de rapé. Virou-a na palma da mão esquerda, sem que nada saísse lá de dentro. Bateu com a garrafa no joelho, para soltar seu conteúdo. Era sempre o mesmo problema com o rapé de Okeke: imedecia-se com excessiva rapidez e continha salitre demais. Por isso, havia muito tempo, Okonkwo não comprava mais rapé dele. Idigo era quem sabia moer bem o tabaco. Porém ultimamente andava enfermo.

Conversas em voz baixa, interrompidas de vez em quando por uma cantiga, chegavam aos ouvidos de Okonkwo, provenientes das outras cabanas, onde suas mulheres e seus filhos narravam lendas uns aos outros. Ekwefi e Ezinma, sua filha, estavam sentadas numa esteira, no chão. Era a vez de Ekwefi contar uma história.

— Uma vez — começou ela — todos os pássaros foram convidados para uma festa no céu. Estavam felicíssimos, preparando-se para o grande dia. Pintavam o corpo com tintura vermelha de madeira e nele faziam belos desenhos. O Cágado, que assistia a todos esses preparativos, logo descobriu o significado daquilo tudo. Nada do que acontecia no mundo dos animais lhe escapava, pois era muito astuto. Tão logo ouviu dizer que ia haver uma grande festa no céu, sua goela começou a coçar só de pensar no assunto. Naqueles dias estava havendo uma grande escassez de alimentos e fazia duas luas que o Cágado não comia uma boa refeição. Seu corpo chocalhava todo como um pedaço de pau seco dentro de um casco vazio. Então começou a planejar uma maneira de ir ao céu.

— Mas como, se ele não tinha asas? — interrompeu Ezinma.

— Seja paciente — respondeu a mãe. — A história explica isso. O Cágado não tinha asas, é verdade, mas mesmo assim foi falar com os pássaros e pediu-lhes licença para ir com eles à festa.

“Nós conhecemos você bem demais”, responderam os pássaros, depois de ouvi-lo falar. “Você é um sujeito ingrato e cheio de astúcias. Se permitirmos que venha conosco, logo, logo fará uma das suas!” O Cágado contestou: “Vocês pensam que me conhecem. Eu estou completamente mudado. Aprendi que aqueles que arraniam encrência para os outros estão mais é arranjando encrências para si próprios”. O Cágado tinha muita lábia e em pouco tempo todos os pássaros concordaram que ele tinha realmente mudado. Então, cada um lhe deu uma de suas penas e com elas o Cágado fabricou duas asas. Por fim, veio o grande dia e o Cágado foi o primeiro a chegar ao ponto de encontro. Quando todos os pássaros já estavam reunidos, partiram em bando. O Cágado estava muito contente e falante no meio das aves e, passado pouco tempo, elas o escolheram para fazer o discurso durante a festa, porque o consideravam um grande orador. “Há algo muito importante que não podemos esquecer”, disse ele enquanto voavam para o céu. “Quando as pessoas são convidadas para uma grande festa como esta, elas costumam adotar nomes novos, em honra da ocasião. Nossos hospedeiros, lá no céu, naturalmente esperam que sigamos essa tradição tão antiga.” Nenhum dos pássaros jamais ouvira falar nisso, mas eles sabiam que o Cágado, embora tivesse outros defeitos, era um sujeito viajado, que conhecia os usos e costumes de diversos povos. Então, cada um deles resolveu adotar um nome novo. Quando todos já tinham escolhido um novo nome, o Cágado anunciou o seu. Passaria a se chamar *Todos Vocês*.

E Elkwefh continuou.

— Por fim, o bando chegou ao céu e seus hospedeiros ficaram muito satisfeitos de vê-los. O Cágado, nas suas plumagens multicores, levantou-se e agradeceu o convite. Tão eloquente foi seu discurso, que todos os pássaros se sentiram felizes por tê-lo levado à festa. E abanavam a cabeça, com ar de aprovação, a tudo

o que ele dizia. Os hospedeiros pensaram que o Cágado fosse o rei dos pássaros, principalmente porque parecia um tanto quanto diferente de seus companheiros. Depois de terem sido trazidas e comidas as nozes de cola, o povo do céu colocou diante dos convidados os mais deliciosos manjares que o Cágado jamais vira ou sonhara. A sopa foi trazida quente do fogo, no mesmo caldeirão onde fora cozinhada. Estava cheia de carne e peixe. O Cágado farejava ruidosamente. Havia pirão de inhame e também sopa de inhame com peixe fresco, cozida no azeite de dendê. Havia ainda potes de vinho de palma. Quando tudo foi colocado diante dos convidados, um dos habitantes do céu adiantou-se e provou um pouco de cada prato. Depois, pediu aos convidados que começassem a comer. Mas o Cágado, pondo-se de pé num salto, perguntou: “Para quem foi preparado este banquete?”. E o hospedeiro respondeu: “Para todos vocês”. Voltando-se para os outros pássaros, o Cágado disse: “Não esqueçam que meu nome é Todos Vocês. O costume aqui é servirem o orador do grupo em primeiro lugar e mais tarde, os restantes. Assim que eu terminar de comer, eles servirão vocês”. E assim falando, começou a comer, enquanto os pássaros resmungavam entre si raivosamente. O povo do céu pensou que era uso deles deixarem para o rei toda a comida. E o Cágado comeu a melhor parte dos pratos e depois bebeu dois potes de vinho de palma, até ficar tão cheio de comida e de bebida que o corpo mal lhe cabia no casco. Depois, os pássaros juntaram-se ao redor das tigelas para comer as sobras e bicar os ossos que o Cágado havia jogado no chão. Alguns estavam tão furiosos que não conseguiam comer. Preferiram voar de volta à casa, com o estômago vazio. Porém, antes de partir, cada pássaro arrancou do Cágado a pena que havia lhe emprestado. E ele lá ficou, dentro de seu casco duro, cheio de comida e de vinho, mas sem asas para o voo de regresso. Pediu aos pássaros que levassem uma mensagem para a mulher dele,

porém todos se recusaram. Finalmente o Papagaio, que ficara mais furioso que os demais, pareceu mudar de ideia de repente e concordou em levar a tal mensagem. "Diga à minha mulher", disse-lhe o Cágado, "que ponha do lado de fora todas as coisas macias que houver na casa, e cubra todo o *compound* com elas, para que eu possa pular do céu sem grande perigo." O Papagaio prometeu transmitir a mensagem e foi-se embora, a voar. Mas, quando chegou à casa do Cágado, disse à mulher que pusesse do lado de fora todas as coisas mais duras que tivesse, em vez das macias. E então a mulher começou a tirar para fora enxadas, facões, lanças, espingardas e até mesmo um canhão que o marido possuía. O Cágado olhou lá de cima do céu e viu a mulher tirando coisas da casa, mas a distância era grande demais para que discernisse os objetos. Quando tudo parecia estar pronto, ele se deixou cair. Foi caindo, caindo, que pensou que nunca mais ia parar de cair. E então, com o barulho de um tiro de canhão, espatifou-se no meio do *compound*.

— Ele morreu? — indagou Ezinma.

— Não — respondeu Ekwefi. — Mas seu casco ficou todo quebrado. Porém, como havia nas redondezas um grande curandeiro, a mulher do Cágado mandou chamá-lo. O curandeiro juntou todos os pedacinhos do casco do Cágado e os colou de novo. Por isso é que o casco do Cágado é daquele jeito.

) — Nesta história não há cantiga — observou Ezinma.

— Não há mesmo — concordou a mãe. — You tentar me lembrar de outra que tenha uma canção. Mas agora é você.

— Certa vez — começou Ezinma — o Cágado e o Gato foram lutar contra os inhames. Não eu me enganei, não começa assim. Certa vez houve uma grande falta de comida na terra dos animais. Todo mundo estava magríssimo, menos o Gato, que era gordo e cujo corpo reluzia como se lhe tivessem passado óleo...

Mas, de repente, a menina parou de falar, porque lá fora,

nesse preciso instante, uma voz alta e esganiçada rompeu o silêncio da noite. Era Chielo, a sacerdotisa de Agbala, a profetizar. Não havia novidade nisso, pois de tanto em tanto tempo Chielo era possuída pelo espírito divino e então começava a fazer profecias. Nesta noite, contudo, dirigia suas profecias e saudações a Okonkwo e, por essa razão, todos da família se puseram à escuta. A narração de lendas interrompeu-se.

— *Agbala do-o-o-oi! Agbala ekene-o-o-o-oi!** — ouvia-se a voz, como uma face afada atravessando a noite. — *Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-oi! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o-oi!***

Ao ser mencionado o nome de Ezinma, Ekwefi virou a cabeça brusca e agitadoamente, como um animal que tivesse ferido no ar o cheiro da morte. As batidas de seu coração eram violentas e dolorosas.

Nesse instante, a sacerdotisa acabara de chegar ao *compound* de Okonkwo e conversava com ele do lado de fora de sua cabana. Repetia incessantemente a mesma coisa: que Ezinma tinha de ir até Agbala. Okonkwo pedia à sacerdotisa que voltasse na manhã seguinte, pois naquele momento Ezinma dormia. Mas Chielo ignorava o que ele lhe dizia e continuava a clamar em altos brados que Agbala exigia a presença da menina. A voz da mulher era tão aguda e metálica que as mulheres e os filhos de Okonkwo podiam, de suas cabanas, ouvir tudo o que ela dizia. Okonkwo argumentava que a menina tinha estado doente nos últimos tempos e que dormia. Rapidamente, Ekwefi levou a filha para o quarto de dormir, deitando-a na alta cama de bambu que ali havia.

* "Paz de Agbala! Agbala os saúda a todos!" Os ibos prolongam o "o" final como demonstração de respeito pela pessoa a quem se dirigem. (N. T.)

** "Okonkwo! Agbala te saúda e só a ti! Agbala deseja que leves a ela tua filha Ezinma! (N. T.)"

De repente, a sacerdotisa gritou, em tom de advertência:

— Cuidado, Okonkwo! Acautelate de discutir as ordens de Agbala. Por acaso os homens falam quando os deuses se pronunciam? Cuidado!

E, assim dizendo, passou por dentro da choça de Okonkwo, atravessou o *compound* e foi direto à cabana de Ekwefi. Okonkwo seguiu-lhe os passos.

— Ekwefi! — chamou. — Agbala te saúda! Onde está minha filha Ezinma? Agbala deseja vê-la.

Ekwefi saiu de sua cabana, com uma lâmpada a óleo na mão esquerda. Soprava um vento suave e, por isso, ela usava a mão direita para proteger a chama. A mãe de Nwoye, também carregando um lampião, emergiu de sua palhoça. Seus filhos estavam todos imobilizados no escuro, do lado de fora, observando o estranho acontecimento. A mulher mais moça de Okonkwo também saiu, juntando-se ao grupo.

— Em que lugar Agbala deseja vê-la? — perguntou Ekwefi.

— Onde poderia ser se não em sua morada das colinas e cavernas? — disse a sacerdotisa.

— Eu também vou com vocês — afirmou Ekwefi, decidida. — *Tufia-di** — praguejou a sacerdotisa, com uma voz roufenha como o tempestuoso clamor do trovão na estação seca. —

Como ousas, mulher, aparecer na presença de Agbala todo-poderoso por tua própria vontade? Cuidado, mulher, ou a força de sua ira te castigará. Vai buscar tua filha!

Ekwefi entrou na cabana e tornou a sair, com Ezinma.

— Vem, filha — disse a sacerdotisa. — Eu te carregarei nas costas. Uma criança, quando carregada nas costas da mãe, não se dá conta de que o caminho é comprido.

Ezinma começou a chorar. Estava acostumada a que Chie-

lo a chamasse de “minha filha”. Mas agora era uma Chielo diferente a que estava vendo à fraca meia-luz amarelenta.

— Não deves chorar, minha filha — declarou a sacerdotisa —, pois, se o fizeres, Agbala se zangará contigo.

— Não chore — reforçou Ekwefi. — Chielo logo, logo trará você de volta. You dar-lhe um pouco de peixe para comer na viagem. — E entrou novamente na cabana, para buscar a cesta escurecida de fumaça onde costumava guardar o peixe seco e outros ingredientes para o preparo da sopa. Partiu um pedaço em dois, dando-os a Ezinma, que continuava agarrada a ela.

— Não tenha medo — disse Ekwefi, afagando-lhe a cabeça, raspada só em alguns lugares, com tufos de cabelos noutros, a formarem um desenho simétrico. As duas tornaram a sair da morada. A sacerdotisa apoiou um dos joelhos no chão e Ezinma empoleirou-se em suas costas, com os pedaços de peixe seguros na mão esquerda e os olhos cheios de lágrimas.

— *Agbala do-o-o-oi! Agbala ekeno-o-o-oi!* — começou Chielo, entoando a saudação a seu deus. Deu meia-volta bruscamente e atravessou de novo a casa de Okonkwo, inclinando-se o mais possível ao cruzar os beirais. Ezinma chorava alto, chamando pela mãe. As duas vozes desapareceram na densa escuridão.

Uma estranha e súbita sensação de fragueza desceu sobre Ekwefi, que permanecia parada, o olhar fixo na direção das vozes, como uma galinha cujo único pintainho tivesse sido apanhado e levado para longe por um gavião. Breve, a voz de Ezinma apagou-se e só a de Chielo se ouvia na escuridão, afastando-se cada vez mais.

— Por que você está aí parada, como se a menina tivesse sido sequestrada? — indagou Okonkwo, encaminhando-se para sua casa.

— Chielo logo a trará de volta — acrescentou a mãe de Nwoye.

* Cuspo nistoi (N.T.)

Mas Ekweñ não ouvia essas palavras de consolo. Continuou ali parada, durante mais alguns instantes, e depois, de repente, tomou uma decisão. Atravessou correndo a casa de Okonkwo e saiu do *compound*.

— Aonde você vai? — perguntou-lhe o marido.

— Vou seguir Chielo — respondeu ela, e sumiu na escuridão. Okonkwo pigarreou e tirou do saco de pele de cabra, que tinha a seu lado, a garrafa de rapé.

A voz da sacerdotisa distanciava-se cada vez mais. Ekweñ correu para o caminho principal e virou à esquerda, seguindo a orientação da voz. Seus olhos de nada lhe serviam na escuridão. Mas ela avançava com facilidade ao longo da trilha arenosa, ladeada de galhos e de folhagem úmida. Começou a correr, seguindo os seios com as mãos, a fim de evitar que batessem ruidosamente contra o corpo. Com o pé esquerdo, deu um encontrão numa raiz saliente e foi tomada de terror. Isso era sinal de mau agouro. Correu mais depressa. A voz de Chielo, porém, continuava muito longínqua. Será que ela também estava correndo? Como poderia andar tão depressa, com Ezinna às costas? Em-bora a noite estivesse fresca, Ekweñ começava a sentir calor por causa da corrida. Esparrava constantemente na vegetação cerrada que ladeava o caminho. Em certo momento, tropeçou e caiu. Só então percebeu, sobressaltada, que Chielo interrompera a cantilena. O coração começou a bater-lhe descompassadamente e ela parou. Logo depois, a voz de Chielo fez-se ouvir com novo ímpeto e parecia vir de muito perto. Ekweñ, contudo, não conseguia enxergá-la. Fechou os olhos durante alguns instantes, num esforço de concentração, tornando a abri-los em seguida. Porém era inútil. Não conseguia enxergar um palmo adiante do nariz.

Não havia estrelas no céu, porque ameaçava chover. Vagá-lumes, de um lado para o outro com suas minúsculas lanterninhas verdes, faziam a escuridão parecer ainda mais profunda. E no intervalo das invocações que Chielo lançava, a noite parecia uma coisa viva, por causa da estrídula vibração dos insetos, entrecida no negrume.

— *Agbala do-o-o-oi... Agbala ekeno-o-o-oi!*

Ekweñ perseguia a voz com muito custo, procurando manter-se nem demasiado perto nem demasiado longe. Imaginou que deveriam estar indo na direção da caverna sagrada. Agora, que podia caminhar mais lentamente, tinha tempo para raciocinar. O que faria quando chegassem à caverna? Não ousaria entrar. Ficaria esperando à entrada, completamente só naquele lugar pavoroso. Pensava em todos os terrores da noite. Recordava-se de certa noite, muito tempo atrás, quando vira *Ogbu-agali-odu*, uma daquelas essências malignas espalhadas pelo mundo pelos poderosos feitícios que a etnia preparara, no passado distante, contra seus inimigos, mas que hoje havia esquecido como controlar. Ekweñ regressava do rio com a mãe numa noite escura como a de agora, quando viu uma fosforescência flutuando na direção das duas. Ela e a mãe jogaram no chão as bilhas de água que carregavam e se atiraram à beira do caminho, à espera de que a sinistra luz descesse sobre elas e as matasse. Fora essa a única vez que Ekweñ vira *Ogbu-agali-odu*. Mas, embora isso tivesse acontecido havia tanto tempo, ainda sentia seu sangue gelar nas veias sempre que se lembrava dessa noite.

A voz da sacerdotisa chegava-lhe agora a intervalos mais longos, porém sua intensidade continuava a mesma. O ar estava frio e úmido de orvalho. Ezinna deu um espirro. Ekweñ murmurou: — Vida para ti! — A sacerdotisa também disse: — Vida para ti, minha filha. — O som da voz de Ezinna, vindo do escuro, aquecia o coração da mãe. E esta continuou a andar, lenta e penosamente.

Então, de súbito, a sacerdotisa gritou:

— Alguém vem andando atrás de mim! Quem quer que sejas, homem ou espírito, que Agbala raspe tua cabeça com uma navalha cegal Que torça teu pescoço até fazer-te enxergar os próprios calcanhares!

Ekweñ estacou, como enterrada no chão. Um lado de sua mente lhe dizia: “Mulher, volta para casa antes que Agbala lhe cause algum mal”. Mas isso ela não podia fazer. Ficou ali, parada, até que Chielo se distanciasse um pouco mais, e depois voltou a segui-la. Já havia andado tanto, que começava a sentir uma ligeira dormência nos membros e na cabeça. Então, ocorreu-lhe que talvez não estivessem caminhando na direção da caverna. Deviam tê-la ultrapassado havia muito tempo. Deviam estar a caminho de Umuachi, a mais longínqua aldeia do clã. Agora, a voz de Chielo chegava com longos intervalos de silêncio.

Ekweñ tinha a impressão de que a noite se tornara menos pesada. As nuvens de chuva haviam desaparecido e algumas estrelas despontaram no céu. A lua devia estar se preparando para surgir, terminado o seu mau humor. Quando a lua nascia tarde da noite, era costume dizer que ela estava recusando alimento, como um marido mal-humorado, que se recusa a comer o que lhe oferece a mulher depois de uma briga entre os dois.

— *Agbala do-o-o-oi Umuachii Agbala ekene unuo-o-o-oi!*

Justamente, o que Ekweñ havia imaginado. A sacerdotisa saudava a aldeia de Umuachi. Era inacreditável a distância que haviam percorrido. Ao saírem da estreita trilha da floresta para a clareira da aldeia, a escuridão ficou mais suave e tornou-se possível divisar o vulto difuso de algumas árvores. Ekweñ apertou os olhos, esforçando-se para ver a filha e a sacerdotisa, mas, cada vez que julgava ter avistado suas figuras, elas se dissolviam como um pedaço de escuridão que derretesse. Seguiu em frente, o andar entorpecido.

A voz de Chielo elevava-se cada vez mais, tal como acontecera no início da caminhada. Ekweñ teve a sensação de entrar num espaço amplo e aberto, e calculou que deveriam estar no *ilo*, na praça da aldeia, ao mesmo tempo que se dava conta, um pouco assustada, que Chielo já não caminhava para adiante. Voltava, na verdade, sobre seus passos; e Ekweñ, mais que depressa, tratou de afastar-se da trilha que a mulher ia percorrer. Chielo passou bem perto dela. E começaram a refazer o mesmo caminho por onde tinham vindo.

Foi uma viagem longa e cansativa. Ekweñ sentiu-se como uma sonâmbula quase o tempo todo. A lua estava por surgir e, embora ainda não tivesse aparecido no céu, sua luminosidade já dissolvia a escuridão. Ekweñ já conseguia discernir a figura da sacerdotisa com sua carga. Diminuiu o passo, a fim de deixar que aumentasse a distância que as separava. Temia que Chielo se voltasse para trás subitamente e a visse.

Rezara para que a lua despontasse. Mas, agora, sua meia-luz incipiente causava-lhe impressão ainda mais atemorizadora do que a escuridão. O mundo parecia povoado de vagas e fantasmagóricas figuras, que se diluíam quando ela as fixava, para depois reaparecerem com novas formas.

Em certo momento, Ekweñ se sentiu tão amedrontada e tão necessitada de companhia e de simpatia humana, que esteve a ponto de chamar Chielo: tinha acabado de enxergar a figura de um homem trepando numa palmeira, com a cabeça para baixo e as pernas para cima. Mas, nesse preciso instante, a voz de Chielo fez-se ouvir novamente, com sua mágica cantilena, e Ekweñ recuou ao sentir que na mulher, naquele instante, pouco havia de humano. Não era a mesma Chielo que costumava sentar-se no mercado a seu lado, e que algumas vezes dava bolos de feijão a Ezinma, a quem chamava de filha. Era uma mulher diferente — era a sacerdotisa de Agbala, o Oráculo das Colinas e dos Montes.

Ekweñ continuava andando pensosamente, dividida entre dois medos. O ressoar de seus próprios passos entorpecidos parecia vir de uma outra pessoa, a andar atrás dela. Ia com os braços cruzados sobre os seios nus. O orvalho caía intensamente e o ar estava frio. Ela já não conseguia pensar, nem sequer nos terrores da noite. Avançava devagar, semiadormecida, só despertando de todo, quando Chielo cantava.

Por fim, fizeram uma curva e começaram a se dirigir às cavernas. Dali em diante, Chielo cantou sem cessar. Saudava o seu deus com os mais variados nomes — o dono do futuro, o mensageiro da terra, o deus que destruía a vida de um homem quando ela lhe parecia mais doce. Ekweñ estava agora completamente desperta, e seus temores, antes adormecidos, renasceram.

A lua surgira, afinal, e ela conseguia ver claramente Chielo e Ezinma. Era um milagre que uma mulher fosse capaz de carregar uma criança daquele tamanho por tanto tempo e com tanta facilidade. Mas Ekweñ não pensava nisso. Chielo, naquela noite, não era uma mulher.

*Agbala do-o-o-oi Agbala ekeno-o-o-oi Chi negbu madu ubo-si ndu ya nato ya uto dahu-o-o-oi**

Ekweñ conseguia ver o vulto ameaçador das colinas à luz do luar. As colinas formavam uma espécie de anel, com uma abertura em certo ponto, pela qual passava a trilha que levava ao centro do círculo.

Assim que a sacerdotisa entrou nesse anel de colinas, sua voz pareceu não apenas dobrar de intensidade mas ecoar de todos os lados. Na verdade, esse era o santuário de um grande deus. Ekweñ avançava cautelosamente, em silêncio. Começava a duvidar do acerto de sua vinda. Nada iria acontecer a Ezinma,

* Chi, deus que matais as pessoas no dia mais feliz de suas vidas, eu vos saudoi (N. T.)

pensava. E, se algo acontecesse, poderia ela impedi-lo? Não ou- saria entrar nas cavernas subterrâneas. Sua vinda, portanto, fora perfeitamente inútil, pensava.

Enquanto esses pensamentos cruzavam sua mente, não se deu conta de quão próximas já se achavam da entrada da caverna. E, quando a sacerdotisa, sempre carregando Ezinma às costas, desapareceu por um buraco cujo tamanho mal parecia ser suficiente para permitir a entrada de uma galinha, Ekweñ correu, como se tentacionasse impedi-las de prosseguir. E, enquanto olhava para a escuridão redonda que as tinha tragado, as lágrimas a lhe rolarem dos olhos, jurava intimamente que, se ouvisse um só grito de Ezinma, se arremessaria caverna adentro para defender a filha contra todos os deuses da terra. Morreriam juntas.

Feito esse juramento, sentou-se na saliência de uma rocha e esperou. Seus temores desvaneceram-se. De onde se encontrava, podia ouvir a voz da sacerdotisa, cuja sonoridade metálica havia desaparecido, absorvida pelo imenso vazio da caverna. Deixou cair a cabeça para um lado e esperou.

Não poderia dizer quanto tempo ali ficara, à espera. Seguramente muito tempo se passara. Ela estava de costas para o alho que levava para fora das colinas. Ouviu um ruído qualquer atrás de si e voltou-se rapidamente. Havia um homem parado ali, segurando um facão. Ekweñ deu um grito e pôs-se de pé num salto.

— Não seja boba. — A voz era de Okonkwo. Ele zombou: — Pensei que você fosse seguir Chielo até lá dentro do santuário.

Ekweñ não respondeu. Lágrimas de gratidão enchiam-lhe os olhos. Compreendeu que a filha estava segura.

— Vá para casa dormir — disse-lhe Okonkwo. — Eu ficarei aqui à espera.

— Prefiro ficar também. É quase madrugada. O primeiro galo já cantou.

E, enquanto estavam ali parados, um ao lado do outro, o pensamento de Okonkwo voltou-se para o tempo em que eram jovens. Ekwefi desposara Anene porque, naquela época, Okonkwo era pobre demais para se casar. Dois anos após o matrimônio com Anene, Ekwefi não podia mais suportá-lo. Fugira, então, para a companhia de Okonkwo. Era de manhã bem cedinho. A lua ainda brilhava no céu. Ekwefi dirigia-se ao rio, para buscar água. A casa de Okonkwo ficava no caminho. Bateu-lhe à porta e ele apareceu. Já naquele tempo era homem de poucas palavras. Limitou-se a carregá-la para a cama e, no escuro, correu-lhe com as mãos a cintura, em busca da ponta solta de sua saia.

12.

Na manhã seguinte, a vizinhança inteira tinha um ar festivo, porque Obierika, o amigo de Okonkwo, celebrava o *uri* da filha. Era o dia em que o pretendente (já tendo pago a maior parte do preço da noiva) iria trazer o vinho de palma, não somente para os pais e parentes imediatos da moça, mas também para seu variado e extenso grupo de familiares, mais ou menos próximos, chamados *umunna*. Todos tinham sido convidados — homens, mulheres e crianças. Na realidade, porém, esta era uma cerimônia feminina, cujas principais personagens eram a noiva e sua mãe.

Tão logo nasceu o dia, a primeira refeição da manhã foi ingerida às pressas, e as mulheres e crianças começaram a se reunir no *compound* de Obierika, a fim de ajudarem a mãe da noiva em sua árdua, embora feliz, tarefa de cozinhar para uma aldeia inteira.

A família de Okonkwo estava em plena agitação, como todas as outras famílias da vizinhança. A mãe de Nwoye e a mulher mais jovem de Okonkwo já estavam prontas para partir rumo ao

compound de Obierika, com toda a filhaçada. A mãe de Nwoye levava de presente para a mulher de Obierika uma cesta de carás, um torrão de sal e peixe defumado. A mulher mais jovem de Okonkwo, Ojiugo, também carregava uma cesta cheia de pacovas e carás, mais um pequeno pote de azeite de dendê. Os filhos carregavam bilhas d'água.

Ekweñ estava cansada e sonolenta por causa das exaustivas experiências da noite anterior. Não havia muito tinham voltado. A sacerdotisa, com Ezinma adormecida às costas, saíra do santuário rastejando como uma serpente. Não lançara sequer um único olhar em direção a Okonkwo e Ekweñ, nem demonstrara a mínima surpresa ao encontrá-los à entrada da caverna. Olhando sempre para a frente, ela caminhara de volta à aldeia. Okonkwo e a mulher seguiram-na a uma distância respeitável. Pensaram que a sacerdotisa talvez estivesse se dirigindo à sua própria casa, mas, em vez disso, ela andou na direção do *compound* de Okonkwo, passou de novo através do *obi*, entrou na cabana de Ekweñ e encaminhou-se diretamente para o quarto de dormir. Lá chegando, depositou Ezinma na cama, com todo o cuidado, e fôise embora, sem dizer uma só palavra a ninguém.

Quando todos já estavam em grande movimentação, Ezinma ainda dormia, e Ekweñ, então, pediu à mãe de Nwoye e a Ojiugo que explicassem à mulher de Obierika por que iria atrasar-se. Sua cesta de carás e peixe já estava preparada, mas ela teria de esperar que Ezinma acordasse.

— Você também precisa dormir — disse a mãe de Nwoye. — Está com um aspecto muito cansado.

As mulheres ainda conversavam, quando Ezinma saiu da cabana esfregando os olhos e espreguicando-se toda, com seu arzinho frágil. Viu as outras crianças carregando quatinhas e lembrou-se de que elas estavam trazendo água do rio para a mulher de Obierika. Tornou a entrar na cabana e voltou com seu cântaro na mão.

— Você dormiu o suficiente? — perguntou-lhe a mãe.
— Sim — respondeu a menina. — Vamos embora.
— Não sem que você tenha comido alguma coisa — disse Ekweñ, entrando na cabana a fim de aquecer a sopa de legumes que preparara na noite anterior.

— Nós vamos indo — falou a mãe de Nwoye. — Direi à mulher de Obierika que vocês vão chegar um pouco mais tarde.
— E todos se foram, para ajudar a mulher de Obierika: a mãe de Nwoye com os quatro filhos, e Ojiugo levando os seus dois.

Quando o grupo ia atravessando o *obi* de Okonkwo, ele indagou:

— Quem vai preparar a minha refeição da tarde?

— Eu voltarei para cuidar disso — declarou Ojiugo. Okonkwo também se sentia cansado e sonolento, pois, embora ninguém soubesse, ele tampouco dormira na noite anterior. Tinha ficado muito aflito, mas nada demonstrara. Quando Ekweñ resolvera seguir a sacerdotisa, ele deixara passar um intervalo razoável e que considerava digno de sua masculinidade, e depois, levando seu facão, fora até o santuário, onde imaginava que elas deviam estar. Lá chegando, ocorreu-lhe a ideia de que a sacerdotisa talvez tivesse preferido fazer antes uma ronda pelas aldeias. Okonkwo tornou a ir para casa e esperou. Quando calculou que já havia esperado o bastante, dirigiu-se outra vez ao santuário. Mas os Montes e as Colinas estavam silenciosos como a morte. Somente na quarta viagem encontrara Ekweñ, e, a essa altura, a aflição que sentia já era imensa.

O *compound* de Obierika fervilhava como um formigueiro. Em todos os lugares disponíveis tinham sido montadas trempes para se cozinhar, juntavam-se três blocos de barro seco ao sol e acendia-se o fogo no meio. Panelas subiam e desciam das trem-

pes e o *foo-foo* era amassado em centenas de pilões de madeira. Algumas mulheres cozinhavam inhame e aipim e outras preparavam sopa de legumes. Os rapazes amassavam o *foo-foo* ou rachavam lenha para o fogo. As crianças faziam infundáveis viagens ao córego.

Três rapazes ajudavam Obierika a matar as duas cabras que iriam servir para o preparo da sopa. Ambas eram muito gordas, porém a mais gorda de todas estava amarrada com uma corda a uma estaca perto do muro do *compound*. Era do tamanho de uma vaca pequena. Obierika tinha mandado um de seus parentes até Umuike comprar essa cabra. Era a que ele iria dar de presente, viva, à família do noivo.

— O mercado de Umuike é um lugar fabuloso — comentou o rapaz que tinha sido enviado por Obierika para comprar a gigantesca cabra. — Há tanta gente lá, que se alguém jogar um grão de areia para cima, o grão não vai achar espaço para cair de volta no chão.

— Isso é resultado de um feitiço magnífico — disse Obierika. — O povo de Umuike desejava que o mercado deles crescesse e engolisse os mercados de toda a vizinhança. Então, fizeram um feitiço poderoso. E todos os dias de mercado, antes do primeiro cantar do galo, esse feitiço está lá, no local do mercado, na forma de uma velha com um leque. Com esse leque mágico ela chama ao mercado todos os clãs vizinhos. Ela abana o leque na frente e atrás, à direita e à esquerda.

— E então todos vão chegando — acrescentou outro homem —, gente honesta e ladrões. Estes são capazes de roubar da cintura da gente o próprio pano, se a gente se descuidar.

— É verdade — disse Obierika. — Tratei de advertir a Nwankwo que aguçasse olhos e ouvidos. Certa vez, um homem foi a esse mercado vender uma cabra. Levava-a por uma corda grossa, que amarrara no pulso. Mas, quando ia andando pelo mer-

cado, começou a ver uma porção de gente apontando para ele, como costumam fazer quando aparece algum louco. Não entendia por quê. Até que, de repente, o homem olhou para trás e viu que o que trazia amarrado na ponta da corda era um pesado pedaço de tronco, e não a cabra.

— O senhor acha que um ladrão é capaz de fazer uma coisa dessas sozinho? — perguntou Nwankwo.

— Acho que não — respondeu Obierika. — Eles usam algum feitiço.

Quando terminaram de degolar as cabras e de recolher o sangue numa cumbuca, ergueram-nas por cima da chama viva para queimar seus pelos; e o cheiro de pelo queimado misturou-se ao odor das comidas. Em seguida, lavaram os animais e os cortaram em pedaços, entregando-os às mulheres que preparavam a sopa.

Todo esse fervilhamento de fomiagueiro transcorria sem maiores problemas, quando houve uma súbita interrupção. Ouviu-se um grito à distância: *Oji odu achi jijji-o-o!* (*Aquela que usa a cauda para espantar as moscas!*) Todas as mulheres, sem perda de tempo, abandonaram o que estavam fazendo e correram na direção do grito.

— Não podemos sair correndo todas deste jeito e deixar as comidas queimando no fogo — berrou Chielo, a sacerdotisa. — Três ou quatro de nós devem ficar.

— Tem razão — concordou outra mulher. — Três ou quatro mulheres devem ficar.

Cinco mulheres ficaram para cuidar da comida que estava no fogo, enquanto as demais saíram correndo para ver a vaca que se tinha soltado. Quando a avistaram, levaram-na de volta ao dono, que, no mesmo instante, teve de pagar a pesada multa imposta pelo povo da aldeia a todo aquele cuja vaca andasse solta no meio das plantações dos vizinhos. Após cobrarem a pe-

nalidade, as mulheres começaram a controlar as presentes, para verificar se alguma moradora da aldeia tinha deixado de sair de casa ao ser dado o grito de alarme.

— Onde está Mgboogo? — indagou uma delas.

— Está de cama, doente — respondeu a vizinha de Mgboogo. — Está com *iba*.

— A outra única mulher ausente é Udenkwo — disse uma outra —, o filho dela ainda não completou vinte e oito dias.

As mulheres às quais a mãe da noiva não tinha pedido que ajudassem a cozinhar voltaram para suas casas e as restantes tornaram a se encaminhar, todas juntas, para o *compound* de Obierka.

— De quem era a vaca, afinal? — perguntaram as mulheres que tinham ficado para cuidar da comida.

— Do meu marido — respondeu Ezelagbo. — Um de meus filhos menores deixou aberto o portão do curral.

Logo no começo da tarde, chegaram os dois primeiros potes de vinho mandados pela família da noiva. Eles foram devidamente entregues às mulheres, que beberam um ou dois canecos de cada pote, para que o vinho as ajudasse a cozinhar melhor. Também levaram um pouco para a noiva e para as moças solteiras, que a estavam ajudando a dar os últimos e delicados retoques de navalha no penteado e de tintura vermelha na pele macia.

Quando o calor do sol começou a diminuir, Maduka, o filho de Obierka, pegou uma comprida vassoura e começou a varrer o chão defronte ao *obi* do pai. Como se só estivessem esperando por isso, os parentes e amigos de Obierka foram chegando pouco a pouco, cada homem com seu saco de pele de cabra pendurado ao ombro e uma esteira do mesmo couro debaixo do braço. Alguns vinham acompanhados pelos filhos, que carrega-

vam às costas bancos de madeira. Okonkwo fazia parte do grupo. Sentaram-se em semicírculo e puseram-se a conversar sobre os mais variados assuntos. O pretendente e seus familiares não tardariam a chegar.

Okonkwo tirou do saco a garrafa de rapé e ofereceu-a a Ogbuefi Ezenwa, sentado a seu lado. Ezenwa pegou-a, deu umas pancadinhas no joelho com a garrafa, esfregou a palma da mão esquerda no corpo para secá-la bem, antes de colocar nela uma pitada de rapé. E, enquanto assim procedia com deliberada lentidão, ia dizendo:

— Espero que os parentes do noivo tragam muitos potes de vinho, pois embora venham de uma aldeia de gente de mão fechada, devem estar fartos de saber que Akueke é noiva digna de um rei.

— Eles não ousarão trazer menos de trinta potes — afirmou Okonkwo. — Se o fizerem, eu lhes direi o que penso a respeito.

Naquele momento, Maduka, o filho de Obierka, apareceu, vindo da parte interna do *compound*, com a gigantesca cabra, para mostrá-la aos parentes e amigos do pai. Todos a admiraram muito, comentando que assim é que se deviam fazer as coisas. A cabra tornou a ser levada para o interior do *compound*.

Pouco depois, os parentes do noivo começaram a chegar. Em primeiro lugar, entraram rapazes e meninos, em fila única, cada qual trazendo um pote de vinho. Os parentes de Obierka contavam os potes à medida que os jovens iam entrando. Vinte, vinte e cinco. Houve um longo intervalo e eles se entreolharam, como dizendo: “Eu não falei?”. Em seguida, porém, mais potes vieram. Tinta, tinta e cinco, quarenta, quarenta e cinco. E eles inclinavam a cabeça, em sinal de aprovação, como se estivessem a dizer: “Agora sim, estão se comportando feito gente”. Ao todo, havia cinquenta potes de vinho. Atrás dos carregadores apareceu Ibe, o pretendente, acompanhado dos anciãos de sua família.

Sentaram-se também em semicírculo, completando a roda, ao se somarem aos seus hospedeiros. No centro do círculo, estavam os potes de vinho. A seguir, a noiva, acompanhada por sua mãe e por meia dúzia de outras mulheres e moças, surgiu do interior do *compound*, e todas voltaram o círculo, apertando a mão de cada um dos que ali estavam. A mãe da noiva vinha na frente, seguida pela noiva e pelas demais acompanhantes. As mulheres casadas usavam seus melhores panos e as moças ostentavam cintos de contas vermelhas e pretas, e também tornozeleiras de latão.

Quando as mulheres se retiraram, Obierika ofereceu nozes de cola à família do noivo e a seus próprios parentes. Seu irmão mais velho rompeu a casca da primeira. — Vida para todos nós — disse ele ao fazê-lo. — E que haja amizade entre nossas duas famílias.

Todos os presentes exclamaram: *E-e-e!*

— Hoje vos estamos entregando nossa filha. Ela será uma boa esposa. Ela vos dará nove filhos, como a mãe da nossa cidade.

— *E-e-e!*

O homem mais velho do grupo dos visitantes replicou: — Será bom para vós e bom para nós também.

— *E-e-e!*

— Esta não é a primeira vez que meu povo aqui vem, para desposar uma de vossas filhas. Minha mãe era daqui.

— *E-e-e!*

— E não será a última, porque vós sabeis nos compreender e nós vos compreendemos. Sois uma grande família.

— *E-e-e!*

— Homens prósperos e grandes guerreiros. — E olhou na direção de Okonkwo: — Vossa filha nos dará filhos como vós.

— *E-e-e!*

As nozes de cola foram comidas e começou-se a beber o vinho de palma. Grupos de quatro ou cinco homens sentavam-se

em roda, com um pote de vinho ao meio. Quando a tarde já ia adiantada, a comida foi oferecida aos convidados. Havia imensas cumbrucas de *foo-foo* e fumegantes caldeirões de sopa. Havia também panelas de sopa de inhame. Era uma grande festa.

Ao cair da noite, tochas chamejantes foram colocadas em tripés de madeira e os jovens entoaram uma canção. Os mais idosos, sentados, formavam um grande círculo, ao qual os cantores iam dando a volta, fazendo o elogio de cada um deles. Tinham algo de especial a dizer de cada ancião. Estes eram grandes fazendeiros; aqueles, oradores do clã; Okonkwo, o maior lutador e guerreiro que existia. Quando terminaram de percorrer todo o círculo, acomodaram-se no centro e as moças vieram do interior do *compound* para dançar. No início, a noiva não se encontrava entre elas. Mas quando finalmente apareceu, com um galo na mão direita, um ruído urra partiu da multidão. Todas as outras dançarinas se afastaram para deixá-la passar. Ela entregou o galo aos músicos e começou a dançar. Suas tornozeleiras de latão tinham enquanto ela dançava, e seu corpo tingido de vermelho reluzia na suave luminosidade amarela. Os músicos, com seus instrumentos de madeira, barro e metal, executavam uma canção atrás da outra. E todos estavam alegres. Entoaram a canção mais em voga na aldeia:

Se eu lhe seguro a mão,

ela diz: "Não me toques!"

Se eu lhe seguro o pé,

ela diz: "Não me toques!"

Mas quando seguro as contas de sua cintura

ela faz de conta que não percebe.

A noite já ia alta, quando os convidados se levantaram para partir, levando a noiva para a casa da família do noivo, onde ela iria passar sete semanas de mercado. Até o momento de sair, continuaram a entoar canções, parando de vez em quando, no caminho, para fazer curtas visitas de cortesia aos homens mais proeminentes, como Okonkwo, antes de partirem para suas aldeias. Okonkwo presenteou-os com dois galos.

13.

Go-di-di-go-go-di-go. Di-go-go-di-go. Era o baturque do *ekwe* falando à tribo. Uma das coisas que todo homem aprendia era a linguagem desse instrumento de madeira. Buuum! Buuum! Buuum! — estrondava o canhão a intervalos regulares.

Ainda não se ouvira o primeiro cantar do galo e Umuófia continuava envolta em sono e silêncio quando o *ekwe* começou a falar e o canhão despedaçou a calma reinante. Todos se agitaram em suas camas de bambu e se puseram à escuta, ansiosos. Alguém tinha morrido. Os tiros de canhão pareciam romper o céu. O *di-go-go-di-di-go-go* flutuava no ar da noite, impregnado de mensagens. Um indistinto e longínquo gemido de mulheres assentava-se sobre a terra como um depósito de dor. De vez em quando, um lamento a plenos pulmões sobrepunha-se a esses gemidos sempre que um homem chegava ao local da morte. O recém-chegado emitia seu lamento uma ou duas vezes, numa manifestação viril de dor, e em seguida sentava-se junto aos outros homens, a escutar os intermináveis gemidos das mulheres e a esotérica linguagem do *ekwe*. Vez por outra, o ca-

nhão ribombava. As lamentações das mulheres não poderiam ser ouvidas para além daquele vilarejo, mas o *ekwe* ia levando as notícias até as outras nove aldeias, e mais longe ainda. A fala do tambor começava pelo nome da tribo: *Umuófia obodo dike*, “a terra dos bravos”. *Umuófia obodo dike!* Repetia-se essa frase muitas e muitas vezes, e a insistência era tanta, que a ansiedade começou a crescer no coração de todos aqueles que, pouco antes, tinham estado ressonando tranquilamente numa cama de bambu. Depois, o batuque ficou ainda mais preciso e mencionou o nome da aldeia: *Iguedo, a da pedra de moagem amarelada!* Era a aldeia de Okonkwo. O nome Iguedo foi sendo repetido sem cessar, enquanto nas nove aldeias aumentava em todos a inquietude expectativa. Finalmente, mencionou-se o nome do morto e o povo suspirou: — *E-u-u*, Ezeudu morreu. — Um calafrio baixou pela espinha de Okonkwo, quando se lembrou da última vez em que o velho Ezeudu o visitara.

— Aquele menino o considerava como pai — dissera o velho.

— Não seja cúmplice de sua morte.

Ezeudu fora um grande homem, por isso a tribo inteira compareceu ao funeral. Os antigos tambores da morte soavam, davam-se tiros de espingarda e canhão, e os homens corriam de um lado para outro, numa espécie de frenesi, decepcionando todas as árvores e matando todos os animais que encontravam, saltando muros e dançando sobre os tetos. Era o funeral de um guerreiro; e, da manhã à noite, outros guerreiros foram chegando, de acordo com os grupos de idade. Todos eles usavam saíotes de ráfia enfiados e seus corpos estavam pintados de giz e de carvão. De vez em quando, um espírito ancestral, ou *egwuwu*, surgia de outro mundo, falando numa voz trêmula e extraterrena, completamente recoberto por uma roupagem de ráfia. Alguns desses

espíritos eram muito violentos, e já tinha havido, nas primeiras horas do dia, uma correria doída em busca de abrigo quando um deles aparecera empunhando um afiado facão; e somente graças à ajuda de dois homens que conseguiram sujeitá-lo, amarrando-lhe uma grossa corda em volta da cintura, o *egwuwu* fora impedido de causar sérios danos. Houve momentos em que ele se virara e correria, perseguindo os dois, que trataram de fugir para salvar a pele; mas eles logo voltaram e tornaram a segurar a ponta da corda que o espírito arrastava atrás de si. Este cantava, com uma voz apavorante, dizendo que *Ekwensu*, ou Espírito Maligno, tinha entrado em seu olho.

O mais temível dos espíritos, contudo, ainda não aparecera. Vinha sempre sozinho e sua forma era a de um caixão de defunto. Um fedor enjoativo o acompanhava, e as moscas o seguiam. Até mesmo os maiores curandeiros escondiam-se de medo quando ele andava por perto. Há muitos anos, outro *egwuwu* se atrevera a desafá-lo e lhe fizera frente: ficara imobilizado, durante dois dias, no mesmo lugar. Este *egwuwu* tinha apenas uma mão e nela carregava uma cesta* cheia d'água.

Alguns desses *egwuwus* eram de todo inofensivos. Um deles já estava tão velho e doente que vinha caminhando apoiado num cajado. Dirigiu-se, vacilante, ao lugar onde jazia o cadáver, contemplou-o durante alguns instantes e foi-se embora de novo — para o outro mundo.

Na realidade, não existia uma distância muito grande entre a terra dos vivos e o domínio dos ancestrais. Havia sempre idas e vindas entre os dois mundos, especialmente durante os festivais e quando um homem idoso morria, porque os velhos estão

* Na Ibolândia, costuma-se recobrir completamente as cabegas com palha tecida à semelhança de cestos, a fim de melhor resguardar a água do calor. (N. T.)

muito próximos dos ancestrais. A vida de um homem, desde o nascimento até a morte, era uma série de ritos de transição que o aproximavam cada vez mais de seus antepassados.

Ezeudu fora o homem mais velho de sua aldeia e, ao falecer, havia apenas três homens mais idosos do que ele em toda a tribo, e mais uns quatro ou cinco de seu grupo etário. Todas as vezes que um desses anciãos aparecia no meio do povo para executar, com gestos trêmulos, os passos da dança fúnebre da tribo, os homens mais jovens abriam-lhe espaço e o tumulto diminuía um pouco.

Era um grande funeral esse, digno de um nobre guerreiro. Ao entardecer, aumentaram a gritaria, os tiros, o batuque dos tambores e o clangor dos facões.

Ezeudu recebera três títulos durante a vida. Isso era um feito raro, pois havia apenas quatro títulos no clã, e somente um ou dois homens, em todas as gerações, tinham conseguido alcançar o quarto, que era o mais elevado. Quando isso acontecia, tornavam-se senhores da terra. Ezeudu, justamente porque recebera títulos, seria enterrado após o anoitecer, à luz de um único tição acceso, que iluminaria a cerimônia sagrada.

Antes, porém, desse tranquilo rito final, o tumulto decuplicou. Os tambores batiam violentamente e os homens pulavam, num verdadeiro frenesi. Tiros explodiam de todos os lados e faíscas voavam dos facões ao se entrechocarem, estrepitosamente, na saudação dos guerreiros. O ar estava cheio de poeira e cheirava a pólvora. Foi nesse momento que o espírito maneta apareceu, carregando a cesta cheia d'água. O povo abriu-lhe espaço e o barulho diminuiu. Até mesmo o cheiro de pólvora foi absorvido pelo fedor pestilento que agora enchia o ar. Ele executou alguns passos da dança fúnebre ao som dos tambores e em seguida foi ver o cadáver.

— Ezeudu! — chamou, com voz gutural. — Se tivesses sido

pobre na tua vida passada, eu te pediria que fosses rico quando de novo voltasses. Mas foste rico. Se tivesses sido um covarde, eu te pediria que retornasses corajoso. Mas foste um destemido guerreiro. Se tivesses morrido jovem, eu te pediria que obtivesses mais vida. Mas viveste muito. Por tudo isso, eu te pedirei que tornes a voltar como antes vieste. Se tua morte foi natural, vai em paz. Mas se foi causada por um homem, não permitas a esse homem um só momento de sossego.

E, assim falando, deu mais alguns passos de dança e foi-se embora.

Os tambores e a dança recommegaram, atingindo um ritmo febril. A escuridão estava a ponto de chegar e a hora do enterro se aproximava. Tiros explodiram numa última saudação e o canhão tornou a fender o céu. Nesse instante, em meio àquela fúria delirante, ouviu-se um grito de agonia e brados de horror. E então foi como se um feitiço tivesse sido lançado. Tudo se fez silêncio. No centro da multidão, um garoto jazia numa poça de sangue. Era o filho de Ezeudu, de dezesseis anos, que, juntamente com seus irmãos e meios-irmãos, participava, momentos antes, da tradicional dança de adeus em homenagem ao pai morto. A arma de Okonkwo explodira e um pedaço de ferro trespassara o coração do menino.

A confusão que se seguiu não encontrava paralelo na história de Umuófia. Mortes violentas eram frequentes ali, mas nunca acontecera nada semelhante.

Para Okonkwo só havia uma opção: fugir do clã, pois matar um de seus membros era um crime contra a deusa da terra, e aquele que o cometesse via-se obrigado a abandonar a região. O crime podia ser de dois tipos, masculino ou feminino. O que Okonkwo cometera era feminino, porque fora por acaso. Por isso, passados sete anos, ele poderia retornar ao clã.

Naquela mesma noite, começou a reunir seus mais valiosos pertences em trouxas que pudessem ser carregadas na cabeça. Suas mulheres choravam amargamente e os filhos também choravam com elas, sem saberem o porquê. Obierika e mais uma meia dúzia de amigos vieram ajudar e consolar Okonkwo. Cada um deles fez umas nove ou dez viagens, carregando os inhames do amigo até o celeiro de Obierika, onde ficariam armazenados. E assim, antes do cantar do galo, toda a família fugiu para a terra natal de Okonkwo, que era uma aldeia pequenina, chamada Mbanta, pouco além dos limites de Mbaino.

Logo que o dia amanheceu, um grande número de homens da família de Ezeudu, em roupagens de guerra, invadiu tempestuosamente o *compound* de Okonkwo. Atearam fogo às casas, demoliram os muros vermelhos, mataram os animais e destruíram o celeiro. Era a justiça da deusa da terra. Aquelles homens atuavam apenas como mensageiros da deusa. Seus corações não abrigavam nenhum ódio contra Okonkwo, cujo melhor amigo, Obierika, fazia parte do grupo. Estavam simplesmente limpando a terra que Okonkwo poluía com o sangue de um membro do clã.

Obierika era um homem que costumava refletir sobre as coisas. Após a vontade da deusa da terra ter sido cumprida, sentou-se em seu *obi* e pôs-se a lamentar a desgraça do amigo. Por que alguém deveria passar por tamanho sofrimento por causa de uma ofensa cometida inadvertidamente? Porém, embora pensasse longo tempo sobre isso, não encontrou resposta. Tais pensamentos o levaram a refletir sobre problemas ainda mais complexos. Lembrou-se dos filhos gêmeos que sua mulher tivera e que ele jogara no mato. Que crime eles tinham cometido? A terra decretava que os gêmeos constituam uma ofensa ao mundo e que precisavam ser destruídos. E se, por acaso, a tribo não punisse

rigorosamente qualquer ultraje à poderosa deusa, sua ira cairia sobre toda a região, e não apenas sobre o ofensor, pois, como diziam os anciãos, se um dedo estiver sujo de óleo, manchará os demais.

SEGUNDA PARTE

14.

Em Mbanta, Okonkwo foi bem recebido por seus parentes maternos. O velho que Ihe deu as boas-vindas era o irmão mais moço de sua mãe e, agora, o mais idoso membro da família. Chamava-se Uchendu, e fora ele quem recebera o corpo da mãe de Okonkwo, havia trinta anos, quando a trouxeram de Umuófia, a fim de ser enterrada com sua gente. Naquela época, Okonkwo era um menino pequeno, e Uchendu lembrava-se dele gritando o adeus tradicional: — Mãe, mãe, a mãe está indo embora!

Isso acontecera havia muitos anos. Hoje, Okonkwo não estava trazendo a mãe para ser enterrada em sua terra natal, ao pé de sua gente. Vinha com uma família de três mulheres e onze filhos, para refugiar-se no torrão materno. Tão logo Uchendu os viu, todos com um ar muito triste e fatigado, adivinhou o que acontecera e tratou de não fazer perguntas. Foi só no dia seguinte que Okonkwo lhe contou toda a história. O velho ouviu silenciosamente até ao fim e depois disse, com certo alívio na voz: — É um *ochu*, um assassinato, feminino. — E tratou de providenciar os necessários rituais e sacrifícios.

Deram a Okonkwo um terreno, para que construísse seu *compound*, e dois ou três pedaços de terra para cultivar na estação de plantio seguinte. Com o auxílio dos homens da família de sua mãe, ergueu seu *obi* e mais três cabanas para as esposas. Em seguida, instalou seu deus pessoal e os símbolos de seus ancestrais. Cada um dos cinco filhos de Uchendu contribuiu com trezentos inhames para que o primo pudesse ter seu roçado, pois, assim que a primeira chuva caísse, o plantio começaria.

Por fim, a chuva veio. Repentina e violenta. Durante duas ou três luas, o sol ganhara força, a ponto de parecer exalar um hálito de fogo sobre a terra. Havia muito tempo o capim estava com uma cor acastanhada, todo ele crestado, e as terras arenosas pareciam carvões incandescentes sob os pés. As árvores verdes estavam recobertas por uma poeirenta capa marron. Os pássaros haviam silenciado nas florestas e a terra inteira arquejava sob a vibração viva do calor. E foi então que o trovão estourou. Seu barulho irado, metálico e sedento, em nada se parecia com o surdo ribombar da estação chuvosa. Um vento fortíssimo começou a soprar e encheu o ar de poeira. As palmeiras dobravam-se sob o vento, que empurrava suas folhas para cima como se elas fossem cristas esvoaçantes formando um estranho e fantástico penteado.

Quando por fim a chuva desabou, foi em sólidas e enormes gotas de água congelada, que o povo costumava chamar de “nozes da água do céu”. Essas gotas caíam duras, machucando o corpo; mesmo assim, os jovens corriam alegremente de um lado para outro, a pegar o granizo e a pô-lo na boca até se derreter.

A terra não tardou em criar vida, e os pássaros nas florestas adejavam, alvoroçados, a chilrear de alegria. Um tênue odor de vida e de vegetação verdejante difundia-se pelo ar. E quando a chuva começou a cair mais sobriamente, em gotas menores e líquidas, as crianças procuraram abrigar-se, todas elas contentes, refrescadas e cheias de gratidão.

* * *

Okonkwo e sua família trabalharam duramente no plantio das novas terras. Mas, para Okonkwo, era como recomeçar a vida, sem o vigor e o entusiasmo da juventude. Sentia-se como alguém que tivesse de aprender a ser canhoto na velhice. O trabalho já não lhe proporcionava o mesmo prazer; e, quando não havia nenhuma tarefa a executar, ficava horas sentado, quieto e semiadormecido.

Toda sua existência fora dominada por uma grande paixão: tornar-se um dos chefes do clã. Essa fora a mola de sua vida. E quase o conseguira. Depois tudo se rompera. Fora jogado fora do clã da mesma forma que um peixe é atirado sobre a areia seca da praia, a arquejar. Era evidente que seu deus pessoal, ou *chi*, não estava fadado a grandes feitos. E homem algum conseguiria elevar-se acima do destino de seu *chi*. O ditado repetido pelos anciãos — de que, se um homem dizia sim, seu *chi* também o fazia — não era verdadeiro. Pois ali estava alguém que, apesar de afirmar-se com força, tinha um *chi* que dizia não.

O velho Uchendu via com clareza que Okonkwo se entregara ao desespero e que estava imensamente perturbado. Teria de conversar com ele após a cerimônia do *isa-ifi*.

O mais jovem dos cinco filhos de Uchendu, Amikwu, ia depositar uma nova mulher. O prego da noiva já fora pago, e tudo o mais tinha sido providenciado, faltando apenas a cerimônia final. Amikwu e seus familiares tinham levado vinho de palma aos parentes da noiva cerca de duas luas antes da chegada de Okonkwo a Mbanta. Por isso já era tempo da cerimônia final da confissão.

As filhas da família estavam todas presentes, sendo que al-

gumas tinham vindo de muito longe, de suas casas em aldeias distantes. A filha mais velha de Uchendu viera de Obodo, aldeia situada a uma distância de quase meio dia de viagem. As filhas dos irmãos de Uchendu também tinham vindo. Era um encontro completo da *umuada*, idêntico ao que teria havido em caso de morte na família. Somavam ao todo vinte e duas mulheres.

Sentaram-se no chão, formando um grande círculo, em cujo centro a noiva se colocou, com uma galinha na mão direita. Uchendu sentou-se ao lado dela, segurando na mão o cajado dos ancestrais da família. Todos os demais homens mantiveram-se de pé, fora do círculo, olhando. Suas mulheres também estavam presentes. A tarde findava e o sol se punha.

A filha mais velha de Uchendu, Njide, foi encarregada de fazer as perguntas.

— Lembre-se de que se você não responder com a verdade, há de sofrer, ou até mesmo morrer, ao dar a luz — começou ela. — Quantos homens se deitaram com você, desde o dia em que meu irmão pela primeira vez expressou o desejo de desposá-la?

— Nenhum — respondeu a moça com simplicidade.

— Não minta — insistiam as outras mulheres.

— Nenhum? — perguntou Njide.

— Nenhum — confirmou a noiva.

— Jure por este cajado de meus pais — falou Uchendu.

— Eu juro — disse a noiva.

Uchendu então pegou a galinha, cortou-lhe o pescoço com uma faca afiada e deixou que parte do sangue caísse sobre o cajado dos ancestrais.

Em seguida Amikwu levou a jovem noiva para a sua cabana, e ela tornou-se sua mulher. As filhas da família não voltaram imediatamente para suas casas; passaram dois ou três dias com os parentes.

Dois dias depois, Uchendu reuniu seus filhos e filhas com seu sobrinho Okonkwo. Os homens trouxeram suas peles de cabra, sobre as quais se sentaram no chão, enquanto as mulheres se acomodavam numa esteira de sisal estendida sobre uma espécie de banco feito de terra. Uchendu repuxou suavemente a barba grisalha e ranguu os dentes. Depois, começou a falar, de modo tranquilo e firme, escolhendo as palavras com grande cuidado:

— Eu desejo falar principalmente a Okonkwo — iniciou ele. — Mas quero que todos vocês prestem muita atenção ao que vou dizer. Sou um homem velho e vocês todos são crianças. Conheço muito mais do mundo do que qualquer um de vocês. Se entre vocês houver alguém que pensa saber mais do que eu, que fale agora.

Fez uma pausa, mas ninguém disse nada.

— Porque Okonkwo hoje se encontra entre nós? Este não é o seu clã. Somos apenas os parentes de sua mãe. Ele não pertence a este lugar. É um exilado, condenado a viver durante sete anos numa terra que não é a sua. Por isso, está vergado pela dor. Porém há uma única pergunta que eu gostaria de lhe fazer. Pode você me dizer, Okonkwo, por que razão um dos nomes mais comuns entre as nossas crianças é o de Nneka, ou “A Mãe é Suprema”? Todos nós sabemos que o homem é o cabeça da família e que suas mulheres lhe devem obediência. Os filhos pertencem ao pai, e não à mãe ou à família dela. O lugar de um homem é na terra natal de seu pai, e não na de sua mãe. E, no entanto, nós usamos o nome de Nneka — “A Mãe é Suprema”. Por que razão?

Todos se mantiveram silenciosos.

— Quero que Okonkwo me responda — insistiu Uchendu.

— Eu não sei a resposta — disse Okonkwo.

— Você não sabe responder? Então você reconhece que é uma criança. Tem muitas mulheres e muitos filhos, mais filhos

do que eu. Você é um grande homem no seu clã. Mas ainda é uma criança, uma criança para mim. Ouça-me, e lhe darei a resposta. Antes, porém, ainda há uma outra pergunta que lhe quero fazer. Por que razão, quando morre uma mulher, ela é levada de volta à casa de seus pais para ser enterrada junto aos próprios parentes? Jamais é enterrada junto aos parentes do marido. Por quê? Sua mãe foi trazida aqui para a nossa casa, eu mesmo recebi seu corpo, a fim de que ela fosse enterrada junto à nossa família. Por quê?

Okonkwo abanou a cabeça, sem saber o que responder.

— Ele também não é capaz de responder a essa pergunta — disse Uchendu — e, no entanto, vive profundamente desgostoso, porque veio morar na terra de sua mãe durante alguns anos. — Deu uma risada sem alegria e, voltando-se para os filhos e filhas, indagou: — E vocês, são capazes de responder à minha pergunta?

Todos abanaram a cabeça, dizendo que não.

— Então, neste caso, escutem bem o que vou lhes dizer — disse o velho, pigarreando antes de começar sua fala. — É verdade que os filhos pertencem ao pai. Mas, quando o pai bate no filho, a criança vai à cabana da mãe em busca de consolo. O lugar de um homem é na terra natal de seu pai quando tudo lhe corre bem e a vida lhe sorri. Mas, quando vêm a tristeza e a amargura, ele encontra refúgio na terra natal de sua mãe. A mãe ali está para protegê-lo. Ela foi enterrada ali. E é esse o motivo que nos leva a dizer que a mãe é suprema. Você acha, portanto, que está certo, Okonkwo, você vir à presença de sua mãe com a cara fechada e se recusar a ser confortado? Tenha cuidado, pois do contrário arriscase a desagradar aos mortos. Seu dever é consolar suas esposas e filhos, e levá-los de volta à sua terra natal daqui a sete anos. Mas, se você se deixar vergar ao peso do desgosto e deixar que ele o mate, toda a sua família morrerá sentindo o exílio.

Uchendu fez uma longa pausa e, depois, apontando os próprios filhos e filhas, declarou:

— Agora, são esses os seus parentes. Você acha que é o maior sofredor do mundo. Sabia que muitas vezes há homens que são banidos por toda a vida? E que outros, muitas vezes também, perdem todos os seus inhames e até mesmo todos os filhos? Eu já tive seis mulheres. Hoje não me resta mais nenhuma, a não ser aquela rapariguinha que não sabe sequer distinguir entre o lado direito e o esquerdo. Por acaso você sabe quantos filhos eu já enterrei, filhos que procriei quando ainda era jovem e forte? Vinte e dois. Não me enforquei, e eis-me aqui, ainda vivo. Se você pensa realmente que é o maior sofredor do mundo, pergunte à minha filha, Akueni, quantos gêmeos ela já teve e jogou fora. Você já ouviu a canção que se costuma cantar quando morre uma mulher?

Para quem está tudo bem, para quem está tudo bem?

Não há ninguém para quem tudo esteja bem.

— Não tenho mais nada a lhe dizer.

No segundo ano do exílio de Okonkwo, seu amigo Obierika foi visitá-lo, levando com ele dois rapazes, cada um com um saco pesado à cabeça. Okonkwo ajudou-os a colocar a carga no chão. Percebia-se que os sacos estavam cheios de cauris.

Okonkwo ficou muito feliz de receber a visita do amigo. Suas mulheres, filhos e primos também demonstraram grande alegria, quando ele os mandou chamar, dizendo-lhes de quem se tratava.

— Você deve levá-lo para cumprimentar nosso pai — disse-lhe um dos primos.

— Claro — afirmou Okonkwo. — Iremos imediatamente.

— Mas, antes de ir, sussurrou algumas palavras à sua primeira mulher. Ela fez um gesto de assentimento e, logo em seguida, as crianças se puseram a perseguir um dos galos do terreiro.

Uchendu fora avisado por um de seus netos de que três fofasteiros haviam chegado à casa de Okonkwo. Por isso, já estava à espera para recebê-los. Estendeu-lhes as mãos quando entraram em seu obi e, após os cumprimentos de praxe, perguntou a Okonkwo quem eram aqueles homens.

— Esse é Obierika, meu grande amigo. Já lhe falei nele.

— É verdade — disse o velho, voltando-se para Obierika. — Meu filho já me falou do senhor, e estou muito satisfeito de que tenha vindo nos visitar. Conheci seu pai, Iweka. Era um grande homem. Tinha muitos amigos aqui e costumava vir vê-los com frequência. Aquela é que era uma época feliz, quando todos tinham amigos em clãs distantes! Sua geração não sabe nada dessas coisas. Fica em casa, com medo do vizinho do lado. Hoje em dia até mesmo a terra natal da mãe é muitas vezes desconhecida.

Olhou para Okonkwo: — Eu já estou velho e gosto de falar. Só mesmo para isso é que sirvo atualmente.

Levantou-se com dificuldade, dirigiu-se a um cômodo interno e de lá voltou com uma noz de cola.

— Quem são os rapazes que o acompanharão? — perguntou, sentando-se novamente sobre a pele de cabra. Okonkwo respondeu à pergunta.

— Ah! — disse o velho. — Sejam bem-vindos, meus filhos.

— Apresentou-lhes a noz de cola na mão estendida e, quando todos a tinham visto e agradecido, partiu-a e puseram-se a mastá-la.

— Vá até aquele quarto — pediu Uchendu, apontando com o dedo a Okonkwo. — Lá você encontrará um pote de vinho.

Okonkwo foi buscar o vinho e eles começaram a beber. O vinho tinha só um dia e estava muito forte.

— Pois é — falou Uchendu após um longo silêncio. — Naquele tempo as pessoas viajavam muito mais. Não existe um único clã nesta região que eu não conheça a fundo. Aninta, Umuzu, Ikeocha, Elumelu, Abame, conheço todos.

— O senhor já sabe — perguntou Obierika — que Abame não existe mais?

— Como assim? — perguntaram Uchendu e Okonkwo ao mesmo tempo.

— Abame foi completamente arrasada — respondeu Obierika. — É uma história estranha e terrível. Se eu não tivesse visto com os próprios olhos alguns dos poucos sobreviventes e não tivesse ouvido a história que eles contaram com meus próprios ouvidos, não teria acreditado. Não foi num dia de *eke* que aquela gente apareceu fugida em Umuóña? — perguntou a seus dois companheiros, que assentiram com a cabeça.

— Três luas atrás — continuou Obierika —, num dia de *eke*, um pequeno grupo de fugitivos chegou à nossa aldeia. A maioria deles era gente cujas mães tinham sido enterradas em nossa terra. Mas também havia alguns que foram até lá porque tinham amigos em Umuóña, e uns poucos porque não conseguiram lembrar-se de nenhum outro lugar para onde pudessem escapar. Todos resolveram refugiar-se em Umuóña, levando-nos sua infamada história.

Bebeu o resto de vinho de palma que havia dentro de seu chifre, e Okonkwo tornou a enchê-lo. Depois, Obierika continuou:

— Durante a última estação de plantio, um homem branco apareceu na terra deles.

— Um albino — sugeriu Okonkwo.

— Não, não era um albino. Era um homem completamente diferente. — Bebericou o vinho. — E chegou montado num cavalo de ferro. Os primeiros que o viram fugiram correndo; mas o tal homem continuou no mesmo lugar, acenando para que voltassem. Finalmente, os mais destemidos resolveram aproximarse e chegaram até mesmo a tocá-lo. Os anciãos consultaram o Oráculo e este declarou que aquele homem estranho causaria a ruína do clã e espalharia a destruição entre eles. — Obierika bebeu de novo um pouco de vinho. — Por isso eles mataram o homem branco e penduraram seu cavalo de ferro na árvore sagrada, pois parecia pretender fugir a qualquer instante, para ir chamar os amigos do tal homem. Esqueci de mencionar uma

outra coisa que o Oráculo falou. Ele disse também que mais homens brancos estavam a caminho. Eram gafanhotos, falou o Oráculo, e aquele primeiro homem era o batedor dos demais, enviado por seus companheiros para explorar o terreno. Por isso resolveram matá-lo.

— O que foi que o homem branco disse antes de o matarem? — perguntou Uchendu.

— Nada — respondeu um dos acompanhantes de Obierika.

— Não. Ele disse alguma coisa, só que ninguém entendeu — contou Obierika. — Dava a impressão de falar pelo nariz.

— Um dos refugiados me contou — disse o outro acompanhante de Obierika — que ele repetia sem parar uma palavra que soava como Mbaino. Talvez estivesse a caminho de Mbaino e tivesse se perdido.

— Seja como for — prosseguiu Obierika —, eles o mataram e penduraram na árvore o cavalo de ferro. Isso foi antes de chegar a estação do plantio. Durante muito tempo, nada aconteceu. As chuvas já tinham chegado e os inhames sido semeados. O cavalo de ferro continuava lá, pendurado na paineira sagrada. Certa manhã, três homens brancos, guiados por um grupo de homens comuns, como nós, chegou à tribo. Olharam para o cavalo de ferro e foram embora. A maioria dos homens e das mulheres de Abame estava no campo àquela hora. Apenas um pequeno número de pessoas viu esses tais brancos e seus acompanhantes. Durante muitas semanas de mercado, nada aconteceu. Costumava haver uma grande feira em Abame nos dias de *afó*, quando todo o clã, como vocês sabem, ali se reunia. E foi justamente num desses dias que aconteceu a tragédia. Os três homens brancos e um grande número de outros homens cercaram o mercado. Certamente devem ter empregado um feitiço muito poderoso, que os tornou invisíveis até o mercado ficar cheio de gente. Nesse momento, começaram a atirar. Todos morreram,

exceto os velhos e os doentes, que tinham ficado em casa, e mais um punhado de homens e mulheres cujos *chis* estavam bem acordados e os fizeram sair do mercado.

Fez uma pausa.

— A aldeia, agora, está completamente vazia. Até mesmo os peixes sagrados desapareceram de seu misterioso lago, cujas águas ficaram cor de sangue. Um grande malefício caiu sobre aquela terra, tal como anunciara o Oráculo.

Houve um longo silêncio. Podia-se ouvir o ranger dos dentes de Uchendu. De repente, ele explodiu:

— Nunca se deve matar um homem que não fala nada! Aquela gente de Abame era tonta. Que sabiam eles do tal homem?

Rangetu de novo os dentes e contou uma história para ilustrar seu ponto de vista:

— Certa vez, a Mãe-Gavião mandou a filha ir buscar comida. Ela foi e trouxe de volta um patinho. “Você se saiu muito bem”, disse a Mãe-Gavião à filha, “mas eu gostaria de saber uma coisa: o que foi que a mãe desse patinho disse, quando você arremeiu sobre o filho dela e o levou para longe?” “Não disse nada”, replicou a jovem gavião. “Simplesmente se afastou dali.” “Então, você vai já devolver o patinho”, falou a Mãe-Gavião, “pois há algo de agourento detrás do silêncio.” A gavião obedeceu e voltou novamente, dessa vez trazendo um pintinho. “Qual foi a reação da mãe desse pintinho?”, perguntou a Velha-Gavião. “Ela gritou e berrou como uma doida, rogando-me pragas”, respondeu a gavião mais moça. “Nesse caso, podemos comer o pintinho”, falou a mãe. “Não há nada a temer dos que gritam.” Repito, aquela gente de Abame foi imprudente.

— Eles foram mesmo imprudentes — comentou Okonkwo depois de alguns instantes. — Eles tinham sido avisados de que o perigo se avizinhava. Deviam ter se armado de carabinas e facões, mesmo para ir ao mercado.

— Pagaram caro pela tolice cometida — aduziu Obierika. — Mas tudo isso me deixou receoso. Todos nós temos ouvido histórias sobre homens brancos que fazem espingardas poderosas e bebidas fortes, e que levam escravos para longe, através dos mares; mas nunca nenhum de nós pensou que fossem histórias verdadeiras.

Não há histórias que não sejam verdadeiras — disse Uchendu. — O mundo é infinito, e aquilo que é bom para certas pessoas pode ser abominável para outras. Existem albinos entre nós. Vocês não acham que é possível que tenham aparecido na nossa tribo por engano, extraviados, quando se destinavam a uma terra onde todos são como eles?

Em pouco tempo, a primeira mulher de Okonkwo terminou de cozinhar e colocou diante de seus hóspedes uma farta refeição de inhames amassados e sopa de folha-amarga. O filho de Okonkwo, Nwoye, entrou, com um pote de vinho doce sagrado da palmeira de rãfia.

— Você já está um homem — disse Obierika a Nwoye. — Seu amigo, Anene, pediu-me que o cumprimentasse.

— Ele vai bem? — perguntou Nwoye.

— Todos nós vamos bem — respondeu Obierika.

Ezinma trouxe-lhes um recipiente com água, para que pudessem lavar as mãos. Quando terminaram, começaram a comer e a beber vinho.

— A que horas vocês partiram para cá? — indagou Okonkwo.

— Pretendíamos sair de minha casa antes do cantar do galo — retorquiu Obierika. — Mas Nweke só apareceu quando o dia já tinha clareado completamente. Nunca se deve marcar compromisso de manhã cedo com um homem que acabou de desposar uma nova mulher.

Todos caíram na risada.

— Então Nweke tomou uma nova esposa? — inquiriu Okonkwo.

— Sim, casou-se com a segunda filha de Okadiubo — respondeu Obierika.

— Isso é ótimo — comentou Okonkwo, dirigindo-se ao rapaz. — Você não tem culpa nenhuma por não ter ouvido o primo canto do galo.

Quando todos haviam comido, Obierika apontou na direção dos dois pesados sacos.

— Esse é o dinheiro que obtive pelos seus inhames — disse ele a Okonkwo. — Vendi os maiores assim que você foi embora. Mais tarde, vendi os inhames para plantio e dei os restantes aos meios. Pretendo fazer isso todos os anos, até o seu regresso. Mas imaginei que talvez você estivesse precisando do dinheiro, por isso, resolvi trazê-lo. Quem sabe o que pode acontecer amanhã? Talvez apareçam homens verdes na nossa tribo e nos matem a todos a tiros.

— Que Deus não permita semelhante coisa! — exclamou Okonkwo. — Não sei como lhe agradecer.

— Eu lhe direi como — respondeu Obierika. — Mate um de seus filhos em minha honra.

— Isso não seria suficiente — falou Okonkwo.

— Então, mate-se a si mesmo — contestou Obierika.

— Desculpe-me — disse Okonkwo, sorrindo. — Prometo não mencionar mais a palavra agradecimento.

Quando, passados quase dois anos, Obierika fez nova visita ao amigo exilado, as circunstâncias eram outras, bem menos felizes. Os missionários tinham chegado a Umuófa. Ali construíram uma igreja, lograram algumas conversões e já começavam a enviar catequistas às cidades e aldeias vizinhas. Isso constituía motivo de grande pesar para os líderes do clã, embora muitos deles acreditassem que aquela estranha fé, bem como o deus do homem branco, não durariam. Nenhum dos convertidos era homem cuja palavra fosse levada em consideração nos comícios. Nenhum possuía título. Pertenciam, na maioria, àquela espécie de gente que costumavam chamar de *efulefu*, isto é, pessoas vazias, sem valor. Na linguagem do clã, um *efulefu* era um homem capaz de vender seu fãcão e usar a batinha para guerrear. Chielo, a sacerdotisa de Agbala, chamara os convertidos de excrementos da tribo, e a nova fé, para ela, era um cachorro raivoso que viera devorar os excrementos.

O motivo da segunda visita de Obierika a Okonkwo fora o súbito aparecimento do filho deste último, Nwoye, entre os missionários de Umuófa.

— O que é que você está fazendo no meio deles? — perguntara Obierika quando, após muitas dificuldades, os missionários lhe deram permissão para falar com o rapaz.

— Eu sou um deles — replicara Nwoye.

— Como vai seu pai? — indagara Obierika, sem que lhe ocorresse coisa melhor a dizer.

— Não sei. Ele não é meu pai — replicara Nwoye com ar infeliz.

Por isso Obierika fora a Mbanta visitar o amigo. Verificou, porém, que Okonkwo não desejava falar sobre o caso de Nwoye. Somente através da mãe do rapaz é que conseguiu saber alguns fragmentos da história.

A chegada dos missionários causara considerável agitação na aldeia de Mbanta. Eram seis ou sete; um deles, um homem branco. Todos os homens e mulheres da aldeia saíram de suas casas e vieram ver o homem branco. Histórias sobre esses estranhos homens vinham sendo contadas, cada vez com maior insistência, desde o dia em que um deles fora morto em Abame e seu cavalo de ferro, pendurado na paineira sagrada. Por isso, todos queriam ver o tal homem branco. Era a época do ano em que todo mundo estava em casa. A colheita havia terminado.

Quando o povo estava todo reunido, o homem branco começou a falar. Comunicava-se com a ajuda de um intérprete, que também era ibo, embora seu dialeto fosse diferente e soasse desagradável aos ouvidos do povo de Mbanta. Muitos começaram a rir, achando engraçado o dialeto e a maneira esquisita com que o intérprete empregava as palavras. Em vez de dizer “eu próprio”, por exemplo, ele sempre dizia “meu traseiro”. No entanto, tinha uma presença dominante e os homens da tribo o escutaram. Disse-lhes que era um deles, como podiam com-

provar pela cor de sua pele e pelo modo de falar; que os outros quatro homens negros também eram irmãos de todos os que ali estavam, embora um deles não falasse ibo; que o homem branco também era um irmão, porque todos eram filhos de Deus. E, então, começou a lhes falar sobre esse novo Deus, criador do mundo inteiro e de todos os homens e mulheres. Disse-lhes que eles adoravam falsos deuses, deuses de madeira e de pedra, e essas palavras provocaram um forte murmúrio no meio da multidão. Disse-lhes, ainda, que o verdadeiro Deus habitava nas alturas e que, ao morrerem, todos os homens teriam de comparecer perante Ele para serem julgados. Os homens maus e todos os pagãos, que, em sua cegueira, se prostravam perante deuses de madeira e de pedra, seriam jogados numa fogueira que queimava como óleo de palma. Porém os bons, aqueles que adorassem o Deus verdadeiro, viveriam para sempre em Seu reino de felicidade.

— Fomos enviados por este grande Deus para pedir-lhes que abandonem os maus costumes e as falsas divindades, e se voltarem para Ele, a fim de que possam salvar-se quando morrerem — falou.

— Seu traseiro compreende a nossa língua — brincou alguém, fazendo a multidão cair na risada.

— O que foi que esse homem disse? — perguntou o homem branco a seu intérprete.

Mas, antes que ele tivesse tempo de responder, outro dos presentes fez uma pergunta: — Onde está o cavalo do homem branco?

Os evangelistas consultaram-se entre si e concluíram que a pergunta provavelmente se referia a uma bicicleta. Comunicaram essa conclusão ao homem branco, que sorriu com ar benevolente.

— Diga-lhes — recomendou ele — que trarei muitos ca-

valos de ferro quando estivermos instalados aqui na aldeia. Digalhes também que alguns poderão até mesmo andar no cavalo de ferro, se quiserem.

O intérprete ia traduzindo tudo, mas ninguém ouviu esta última parte, pois desde o momento em que o homem branco mencionou a intenção de ir morar na aldeia todos começaram a falar entre si, excitados. Não haviam pensado em tal possibilidade.

A essa altura, um velho disse que tinha uma pergunta a fazer:

— Qual é esse deus de vocês? — indagou. — É a deusa da terra? O deus do céu? Amadiora, o do trovão? Qual é, afinal?

O intérprete transmitiu a pergunta ao homem branco, que imediatamente deu sua resposta.

— Todos os deuses que o senhor citou não são deuses de forma alguma. São, isto sim, falsas divindades, que lhes ordenam que matem seus semelhantes e destruam crianças inocentes. Só existe um Deus verdadeiro, e Ele possui a terra, o céu, o senhor, eu e todos nós.

— Se abandonarmos os nossos deuses e resolvermos seguir o seu — indagou outro ouvinte —, quem vai nos proteger contra a ira dos nossos deuses abandonados e dos nossos ancestrais?

— Os deuses de vocês não existem e, portanto, não lhes podem causar nenhum mal — retrucou o homem branco. — São meros pedaços de madeira e de pedra.

Quando essas declarações foram traduzidas para os homens de Mbanta, eles se puseram a rir. Esses sujeitos devem ser doídos, pensaram. Caso contrário, como poderiam acreditar que Ani e Amadiora fossem inofensivos? E que também o fossem Idemili e Ogwugwu? E, assim pensando, alguns homens começaram a ir embora.

Então, os missionários puseram-se a cantar. Era uma dessas músicas alegres e animadas dos evangelistas, que têm o poder de

tocar certas cordas mudas e empoeiradas do coração dos ibos. O intérprete explicava cada verso aos ouvintes, alguns dos quais estavam fascinados. A canção contava a história de irmãos que viviam no escuro, amedrontados, ignorantes do amor de Deus. Falava sobre uma ovelha perdida nos montes, longe da casa de Deus e dos afetuosos cuidados do pastor.

Terminada a canção, o intérprete falou sobre o filho de Deus, cujo nome era Jesus Cristo. Okonkwo, que ali permanecera esperando apenas que aqueles homens acabassem sendo expulsos da aldeia ou espancados, disse de repente:

— O senhor nos afirmou, com sua própria boca, que só há um deus. Agora nos fala num filho dele. Então, quer dizer que seu deus também deve ter uma esposa.

A multidão deu entusiasmados sinais de aprovação.

— Eu não disse que Ele tem uma esposa — contapôs o intérprete em tom pouco convincente.

— Seu traseiro disse que ele tem um filho — falou novamente o tal brincalhão. — Portanto, ele deve ter uma esposa, e todos eles devem ter traseiros.

O missionário o ignorou e continuou sua fala, referindo-se à Santíssima Trindade. Okonkwo estava plenamente convencido de que o homem era doido. Deu de ombros e se afastou dali, para ir sangrar o seu vinho de palma da tarde.

Entretanto, ficara entre os presentes um rapazola que estava empolgado. Seu nome era Nwoye, o primeiro filho de Okonkwo. Não foi a estranha lógica da Trindade que o cativou, pois não tinha entendido nada daquilo. Foi a poesia da nova religião, algo que se sentia na medula. O hino que falava nos irmãos que viviam no escuro, com medo, parecia responder a uma vaga e persistente pergunta que obcecava sem cessar sua jovem alma: a indagação sobre os gêmeos chorando no mato e sobre a morte de Ikemefuna. Sentira-se aliviado por dentro à medida que o

hino jorrava sobre sua alma ressequida. As palavras do hino eram como gotas de chuva gelada se derretendo no seco céu da boca da terra, arquejante de calor. A mente do imaturo Nwoye estava confusa demais.

17.

Os missionários dormiram suas primeiras quatro ou cinco noites na praça do mercado. Pela manhã, iam até a aldeia pregar o Evangelho. Perguntaram quem era o rei do vilarejo, e os aldeões responderam que lá não havia rei. — Nós aqui temos os homens de grande título, os sacerdotes-chefes e os anciãos — explicaram eles.

Não foi nada fácil conseguir que os homens de altos títulos e os anciãos se congregassem para ouvir os missionários, após a excitação do primeiro dia. Mas estes insistiram tanto, que finalmente foram recebidos pelos grandes de Mbanta. Pediram-lhes um lote de terra, no qual pudessem construir uma igreja.

Todo clã e toda aldeia tinham a sua “floresta maldita”. Nela enterravam-se aqueles que morriam de moléstias verdadeiramente malignas, como a lepra e a varíola. Era também uma espécie de terreno de despejo, onde se jogavam os poderosos anuletos dos grandes curandeiros, quando estes morriam. Uma “floresta maldita” estava, portanto, povoada de forças sinistras e dos poderes da escuridão. E foi justamente uma dessas florestas que

os mandatários de Mbanta ofereceram aos missionários. Pois, na realidade, não queriam que permanecessem no clã e, por isso, fizeram uma oferta que ninguém em perfeito estado de sanidade mental aceitaria.

— Querem um pedaço de terra para erigir o santuário deles — disse Uchendu a seus pares, quando se consultavam entre si. — Nós lhes daremos um pedaço de terra. — Fez uma pausa, e houve um murmúrio de surpresa e desagrado: — Vamos dar-lhes um pedaço da Floresta Maldita. Cabam-se da vitória sobre a morte. Portanto, vamos oferecer-lhes um autêntico campo de batalha, no qual possam demonstrar essa vitória.

Todos riram e concordaram. Em seguida, mandaram chamar os missionários, aos quais haviam pedido que saíssem por alguns instantes, a fim de poderem “segredar juntos”. Ofereceram-lhes todo o espaço da Floresta Maldita que quisessem aceitar. E, então, para enorme espanto do grupo, os missionários agradeceram e começaram a cantar.

— Eles não compreendem nada — comentaram alguns anciãos. — Mas hão de compreender amanhã de manhã, quando chegarem ao lote de terra que acabaram de ganhar. — E, com essas palavras, o grupo se dispersou.

Na manhã seguinte, os homens doidos começaram a limpar uma parte da floresta e a construir ali uma casa. Os habitantes de Mbanta esperavam que em quatro dias todos estivessem mortos. O primeiro dia se passou, depois o segundo, e o terceiro, e o quarto, e nenhum deles morreu. Todos estavam intrigadíssimos. Então, espalhou-se a notícia de que o amuleto do homem branco tinha um poder inacreditável. Dizia-se que ele usava vidro nos olhos para poder ver os espíritos malignos e falar com eles. Pouco depois, o homem branco obteve suas três primeiras conversões.

Embora Nwoye tivesse se sentido atraído pela nova crença desde o primeiro dia, guardou segredo disso. Não ousava aproximar-se dos missionários, com medo do pai. Porém, todas as vezes que eles vinham pregar na praça do mercado ou no campo de reuniões da aldeia, Nwoye estava por perto. Já começava a aprender algumas das histórias mais simples que costumavam contar.

— Agora, nós já construímos uma igreja — dizia o sr. Kiaga, o intérprete, que havia tomado a seu cargo a nascente congregação. O homem branco voltara para Umuófia, onde estabeleceria seu quartel-general e de onde fazia visitas regulares à congregação de Kiaga, em Mbanta.

— Agora que já temos a nossa igreja — dizia o sr. Kiaga —, queremos que todos vocês venham para cá, de sete em sete dias, adorar o verdadeiro Deus.

No domingo seguinte, Nwoye passou inúmeras vezes diante da pequenina edificação de barro vermelho e sapé, sem ter coragem suficiente para entrar. Ouvia a música dos cânticos, que, embora entoada apenas por um punhado de homens, soava forte e confiante. A igreja dos missionários erguia-se numa clareira circular que parecia a boca aberta da Floresta Maldita. Estaria ela à espera de abocanhar alguém de repente? Depois de haver passado e tornado a passar pela frente da igreja, Nwoye voltou para casa.

Era coisa bem sabida pelo povo de Mbanta que seus deuses e ancestrais podiam algumas vezes se mostrar muito tolerantes e que, deliberadamente, eram capazes de permitir que alguém os desafiasse por um longo tempo. Porém, mesmo em casos semelhantes, não costumavam passar de um limite de sete semanas de mercado, ou seja, vinte e oito dias. Além desse limite, jamais toleravam que homem algum os desafiasse. Por isso, a excitação crescia na aldeia à medida que se aproximava o término da séti-

ma semana, a contar do momento em que os impudentes missionários construíram a igreja na Floresta Maldita. Tão certos estavam os aldeões da iminente desgraça que sofreriam esses homens, que um ou dois dos convertidos consideraram mais prudente suspender sua devoção à nova crença.

Por fim, chegou o dia em que todos os missionários deviam ter morrido. Mas eles continuavam vivos, e construíam uma nova casa de barro vermelho e sapé, para moradia do catequista, o sr. Kiaga. Naquela semana, mais um punhado de gente se converteu. E, pela primeira vez, havia entre os convertidos uma mulher. Chamava-se Nneka, e era a esposa de Amadi, um próspero agricultor. Estava grávida e já muito pesada.

Nneka engravidara quatro vezes anteriormente, e quatro vezes dera à luz. Em cada uma dessas vezes tivera gêmeos, e as crianças tinham sido jogadas fora logo após o nascimento. Tanto o marido quanto a família dele já começavam a olhar a mulher com desgosto e estranheza, e não ficaram nem um pouco perturbados ao descobrirem que ela havia fugido para juntar-se aos cristãos. Livraram-se de boa.

Certa manhã, Amikwu, primo de Okonkwo, passava perto da igreja, a caminho da aldeia vizinha, quando avistou Nwoye no meio dos cristãos. Ficou espantadíssimo e, ao regressar, foi direto à cabana de Okonkwo relatar-lhe o que vira. As mulheres começaram logo a falar, excitadas, mas Okonkwo permaneceu sentado, imperturbável.

A tarde já se findava, quando Nwoye voltou para casa. Entrou no *obi* do pai para cumprimentá-lo, mas Okonkwo não lhe disse palavra. Nwoye deu meia-volta, fazendo menção de se encaminhar para o interior do *compound*; nisto, o pai, subitamente transtornado de fúria, pôs-se de pé num salto e agarrou-o pelo pescoço.

— Onde é que você estava? — ele gaguejou.

Nwoye lutava para se libertar do aperto que o estava sufocando.

— Responda, antes que eu o mate! — rugiu Okonkwo. Pegou de uma pesada vara que jazia em cima da mureta e com ela aplicou dois ou três violentos golpes no rapaz.

— Responda! — rugiu novamente. Nwoye continuava parado, a fitar o pai, sem dizer palavra. À porta, as mulheres gritavam, com medo de entrar.

— Largue já esse menino! — ouviu-se uma voz dizer do lado de fora do *compound*. Era Uchendu, tio de Okonkwo. — Você ficou maluco?

Okonkwo não respondeu. Mas largou Nwoye, que foi embora, para nunca mais voltar.

Retornou à igreja e disse ao sr. Kiaga que decidira ir para Umuófia, onde o missionário branco instalara uma escola, na qual se ensinava os jovens cristãos a ler e a escrever.

A alegria do sr. Kiaga foi imensa.

— Bendito aquele que abandona o pai e a mãe por amor a Mim — recitou. — Aqueles que ouvem minhas palavras são meu pai e minha mãe.

Nwoye não entendia bem tudo aquilo. Mas sentia-se feliz por deixar o pai. Futuramente, retornaria à companhia da mãe, dos irmãos e das irmãs e os converteria à nova crença.

Naquela noite, sentado em sua cabana, a contemplar a lenda que ardia, Okonkwo pensou longamente no assunto. Uma fúria repentina cresceu de novo dentro dele, que o fez sentir um violento desejo de pegar o facão, ir até a igreja e arrasar todo aquele bando de gente infame e desprezível. Mas, pensando melhor, procurou convencer-se de que Nwoye não merecia que se lutasse por ele. Por que, soluçava em seu coração, justamente eu, Okonkwo, fui amaldiçoado e tenho um filho semelhante?

Via nesse fato, com clareza, o dedo de seu deus pessoal, ou *chi*. Pois, se não fosse isso, de que outra maneira explicar seu grande infortúnio, o exílio e, ainda por cima, o comportamento indigno do filho? Agora que tinha tido tempo para pensar no caso, o crime do filho destacava-se ainda mais em sua rematada enormidade. Ter abandonado os deuses do próprio pai e sair por aí com um bando de sujeitos efeminados, a cacarejarem como galinhas velhas, era atingir as profundezas da abominação. E se quando ele, Okonkwo, morresse, todos os seus filhos machos resolvessem seguir os passos de Nwoye e abandonassem os ancestrais? Okonkwo sentiu um calafrio diante de tão terrível probabilidade, probabilidade que, para ele, significava uma total aniquilação. Via-se a si próprio e a seu pai, juntos, no santuário dos antepassados, a esperarem inutilmente pelo culto ou pelos sacrifícios de seus descendentes, nada restando ali senão as cinzas do passado, enquanto seus filhos rezavam aos deus do homem branco. Se tal coisa acontecesse, ele, Okonkwo, os faria desaparecer da face terrestre.

Okonkwo fora popularmente apelidado de “Chama Estrondosa”. Nesse momento, ao contemplar o fogo produzido pela lenha, lembrou-se dessa alcunha. Ele era um fogo ardente. Como era possível, então, que tivesse gerado um filho como Nwoye, degenerado e efeminado? Talvez Nwoye não fosse seu filho. Isso mesmo! Só podia ser isso. A mulher o havia enganado. Dar-lhe-ia uma lição! No entanto, Nwoye era muito parecido com o avô, Unoka, pai de Okonkwo. Procurou afastar de sua mente esse pensamento. Ele, Okonkwo, era chamado de fogo ardente. Como poderia ter procriado uma mulher, em vez de um filho macho? Na idade de Nwoye, Okonkwo já se tornara famoso em toda Umuófia por sua maneira de lutar e por sua bravura.

Suspirou fundo e, em sinal de solidariedade, a lenha, já

sem chama, também lançou um suspiro. Nesse preciso instante, os olhos de Okonkwo se abriram e ele compreendeu tudo com absoluta clareza. O fogo ardente procria a cinza fria e sem força. Tornou a suspirar profundamente.

A jovem igreja de Nbanta passou por algumas crises no início de sua existência. A princípio, o clã acreditara que ela não fosse sobreviver. No entanto, continuava viva e ia-se tornando cada vez mais forte. O clã estava preocupado, mas não muito. Se um bando de *efuléfu* decidira morar na Floresta Maldita, isso era assunto deles. Pensando bem, a Floresta Maldita era o lugar ideal para gente indesejável como aquela. Era verdade que eles andavam salvando os gêmeos atirados no mato; porém nunca os traziam à aldeia. No que concernia a seus habitantes, portanto, os gêmeos continuavam no mesmo local onde haviam sido jogados fora. Certamente a deusa da terra não iria castigar os aldeões inocentes por pecados cometidos pelos missionários.

Porém houve ocasião em que os missionários tentaram ultrapassar os limites. Três convertidos apareceram na aldeia vangloriando-se abertamente, a dizer aos moradores que todos os deuses estavam mortos e impotentes, e que eles, convertidos, estavam dispostos a desafiar as falsas divindades, queimando-lhes os altares.

— Sumam-se daqui, e tratem de ir queimar os órgãos genitais de suas mães! — exclamou um dos sacerdotes. E os homens foram agarrados e espancados, até ficarem banhados em sangue. Depois disso, durante muito tempo, não houve mais nenhum incidente entre a igreja e o clã.

No entanto, gradualmente, ganhavam vulto os comentários de que o homem branco trouxera não apenas uma religião mas também um governo. Dizia-se que os missionários tinham construído um local de julgamento em Umuófa, a fim de proteger os prosélitos de sua religião. Dizia-se até mesmo que tinham enforcado um homem que matara um dos missionários.

Embora semelhantes histórias fossem contadas cada dia com maior frequência, ao povo de Mbanta elas ainda pareciam contos de fadas, não tendo chegado a afetar as relações entre a nova igreja e o clã. Em Mbanta, não havia possibilidade de matarem nenhum missionário, pois o sr. Kiaga, apesar de maluco, era completamente inofensivo. Quanto àqueles que haviam sido convertidos por ele, ninguém poderia matá-los sem que depois fosse obrigado a se exilar, pois, apesar de não valerem grande coisa, ainda assim eram membros do clã. Não se dava, portanto, grande importância às histórias sobre o governo do homem branco ou às consequências de se matarem cristãos, porque, se estes viessem a ocasionar outras perturbações além das que já provocavam, seriam simplesmente expulsos do clã.

Além disso, a pequena congregação estava naquele momento absorvida demais por seus próprios problemas, para causar qualquer aborrecimento ao clã. Tais problemas tiveram início com a admissão de párias em seu seio.

Esses párias, ou *osru*, ao verem que a nova religião recebia gêmeos e outras abominações semelhantes, pensaram que também poderiam ser aceitos por ela. Então, certo domingo, dois deles entraram na igreja. Houve uma súbita agitação; porém,

tão bem-feito fora o trabalho da nova religião entre os convertidos que, ao entrarem os párias, os demais não se retiraram imediatamente da igreja. Aqueles que estavam sentados muito perto dos recém-chegados limitaram-se a se mudar de lugar. Foi um milagre. Mas durou apenas até ao término do ato religioso. Então, a igreja inteira elevou um protesto, e já se estava a ponto de expulsar os intrusos, quando o sr. Kiaga interveio e começou a explicar:

— Diante de Deus — disse — não há escravos nem libertos. Somos todos filhos de Deus e devemos receber esses nossos irmãos.

— O senhor não está entendendo — falou um dos convertidos. — Que dirão de nós os pagãos, ao saberem que recebemos um *osú* em nosso meio? Vão rir de nós.

— Deixe que riam — disse o sr. Kiaga. — Deus há de rir-se deles no dia do julgamento. Por que as nações se enfurecem e os povos imaginam coisas vãs? Aquele que se senta no reino dos céus haverá de rir deles. O Senhor escarnecerá deles.

— Mas é que o senhor não entende — insistia o convertido.

— O senhor é nosso professor e pode nos ensinar coisas da nova crença. Porém este é um assunto que nós conhecemos bem. — E explicou o que era um *osú*.

Um *osú* era uma pessoa dedicada a um deus, uma coisa posta de lado — um tabu para sempre, assim como todos os filhos que viesse a ter. Jamais poderia se casar com um nascido-livre. Na realidade, era um proscrito que vivia numa área especial da aldeia, próxima ao Grande Santuário. Aonde quer que fosse, levava em si a marca de sua casta marginalizada: cabelos longos, emaranhados e sujos. As navilhas eram-lhe proibidas. Um *osú* não podia assistir a uma assembleia dos nascidos-livres, e estes, por sua vez, jamais poderiam abrigar-se sob o teto de um *osú*. A um *osú* não era permitido receber nenhum dos quatro títulos

do clã; e, quando ele morria, era enterrado pelos de sua espécie na Floresta Maldita. Como poderia um homem semelhante tornar-se um dos prosélitos de Cristo?

— Ele precisa de Cristo muito mais do que você ou eu — retrucou o sr. Kiaga.

— Nesse caso, retornarei ao clã — declarou o convertido. E foi-se embora. O sr. Kiaga ficou firme, e foi essa sua firmeza que salvou a jovem igreja. Os convertidos hesitantes receberam inspiração e confiança dessa sua fé inquebrantável. Kiaga ordenou aos párias que raspassem os longos e emaranhados cabelos. A princípio, eles ficaram com medo de morrer se o fizessem.

— A menos que vocês raspem completamente a marca de sua crença pagã, não os admitirei dentro da igreja — declarou o sr. Kiaga. — Vocês têm medo de morrer. Por que tal coisa haveria de acontecer? Em que é que vocês são diferentes dos outros homens que raspam os cabelos? Vocês e eles foram criados pelo mesmo Deus. No entanto, os outros os transformaram em párias, como se fossem leprosos. Isto é contra a vontade de Deus, que prometeu vida eterna a todos que acreditam no Seu santo nome. Os pagãos dizem que vocês morrerão se fizerem isto ou aquilo, e por isso vocês têm medo. Eles também disseram que eu morreria se construísse minha igreja neste lugar. Por acaso estou morto? Disseram que eu morreria se tomasse gêmeos a meu cuidado. E eu continuo vivo. O que os pagãos dizem são falsidades. Só a palavra do nosso Deus é verdadeira.

Os dois párias rasparam o cabelo e, não muito tempo depois, tornaram-se um dos mais ferrosos prosélitos da nova crença. E, mais significativo ainda, quase todos os *osú* de Mbanta seguiram o exemplo dos dois primeiros. Na verdade, foi justamente por causa do excessivo zelo de um deles que a igreja teve um sério conflito com o clã um ano mais tarde, pois esse homem matou a jibóia sagrada, que é a emanação do deus da água.

A jiboia era o animal mais venerado em Mbanta e em todos os clãs da redondeza. Dirigiam-se a ela chamando-a de “Nosso Pai” e permitiam que andasse por onde lhe aprouvesse, até mesmo na cama das pessoas. Comia os ratos da casa e algumas vezes chupava ovos de galinha. Se um membro do clã matasse uma jiboia acidentalmente, era obrigado a fazer sacrifícios expiatórios e a providenciar uma caríssima cerimônia de sepultamento, como só as oferecidas aos grandes homens. Não havia nenhuma espécie de punição prescrita para um homem que matasse a jiboia deliberadamente, pois ninguém jamais pensara que tal coisa pudesse acontecer.

Talvez não tivesse mesmo acontecido. Foi com esse espírito que o clã a princípio considerou a questão. Porque, na realidade, ninguém vira a coisa suceder. A história tinha surgido entre os próprios cristãos.

Mas, fosse como fosse, os grandes e os anciãos de Mbanta reuniram-se em assembleia para decidir o que fazer. Muitos falaram longa e violentamente. O espírito da guerra baixara sobre eles. Okonkwo, que já começara a participar dos negócios da terra de sua mãe, declarou que, enquanto aquele bando abominável não fosse expulso da aldeia a chicotadas, não haveria paz.

Mas muitos outros viam a situação sob um ângulo diferente, e foi a opinião deles que acabou prevalecendo:

— Não é nosso costume lutar por nossos deuses — afirmou um deles. — Não devemos ter a presunção de fazê-lo neste momento. Se um homem matar a jiboia sagrada no segredo de sua cabana, a questão ficará entre ele e o deus. Nós nada vimos. Se nos colocarmos entre o deus e sua vítima, talvez venhamos a receber golpes destinados ao infrator. Quando um homem blasfema, o que fazemos? Tentamos tapar sua boca? Não. Metemos os dedos nos ouvidos para que não possamos escutá-lo. Essa é a atitude sábia.

— Não vamos raciocinar como covardes — disse Okonkwo.

— Se um homem entra na minha cabana e defeca no chão, o que é que eu faço? Fecho os olhos? Não! Pego uma vara e raço-lhe a cabeça! Assim é que um homem reage. Essa gente está diariamente derramando imundície em cima de nós, e Okeke ainda diz que devemos fazer de conta que não vemos.

Okonkwo emitiu um som de profunda repugnância. Este era um clã de mulheres, pensou ele. Uma coisa dessas jamais aconteceria em Umuófia, terra de seu pai.

— O que Okonkwo disse é verdade — observou outro homem. — Deveríamos tomar uma atitude. Pelo menos, condenar essa gente ao ostracismo. Quando tivermos feito isso, já não seremos responsáveis pelas abominações que praticarem.

Todos os participantes da assembleia falaram e, no final, ficou decidido que os cristãos seriam condenados ao ostracismo. Okonkwo ranguu os dentes, enojado.

Naquela noite, um pregoeiro andou de uma extremidade a outra de Mbanta, proclamando que os adeptos da nova crença seriam, dali por diante, excluídos da vida e dos privilégios do clã.

O número de cristãos havia crescido, constituindo agora uma pequena comunidade de homens, mulheres e crianças seguros de si e confiantes. O sr. Brown, o missionário branco, visitava-os regularmente. — Quando penso que faz apenas oito meses que a Semente foi lançada entre vocês — declarou —, fico maravilhado com o que o Senhor conseguiu realizar.

Era a quarta-feira da Semana Santa e o sr. Kiaga havia pedido às mulheres que trouxessem barro vermelho, giz branco e água, para limpar bem o chão da igreja para a Páscoa; e, com esse fim, as mulheres tinham se organizado em três grupos. Saíram

bem cedinho naquela manhã, algumas com potes, na direção do córrego; outras com enxadas e cestas, a caminho do fosso de barro vermelho da aldeia; e as restantes, rumo à pedreira de giz.

O sr. Kiaga estava na igreja, rezando, quando ouviu a voz excitada das mulheres. Terminou suas preces e foi ver o que estava acontecendo. As mulheres tinham voltado à igreja com os potes d'água vazios. Disseram que uns rapazes as haviam expulsado do córrego, de chicote na mão. Pouco depois, as que tinham ido buscar barro vermelho regressavam, com os cestos vazios. Algumas tinham sido violentamente chicoteadas. As que foram à procura do giz também retornaram contando história semelhante.

— O que significa tudo isto? — perguntou o sr. Kiaga, perplexo.

— A aldeia nos condenou ao ostracismo — respondeu uma das mulheres. — O pregoeiro anunciou, ontem à noite, que isso tinha sido decidido. Mas não é nosso costume impedir o uso do córrego ou da pedreira.

Outra mulher declarou: — Eles querem nos arruinar. Já disseram que não nos permitirão entrar nos mercados.

O sr. Kiaga ia mandar alguém à aldeia para chamar os homens da congregação, quando os viu se aproximando. Evidentemente todos tinham ouvido o pregoeiro, mas jamais na vida tinham ouvido dizer que uma mulher tivesse sido impedida de ir ao córrego.

— Venham conosco — disseram os homens às mulheres. — Vamos todos juntos enfrentar aqueles covardes. — Alguns empunhavam grandes varas e outros até mesmo facões.

Mas o sr. Kiaga os deteve. Antes de mais nada queria saber por que haviam sido condenados ao ostracismo.

— Eles estão dizendo que Okoli matou a jiboia sagrada — disse um dos homens.

— É mentira — falou outro. — O próprio Okoli me disse que era mentira.

Okoli não estava presente para poder responder. Adoecera na noite anterior. Antes do dia clarear, estava morto. Sua morte demonstrava que os deuses ainda eram capazes de lutar suas próprias batalhas. Dali em diante, o clã não viu mais nenhuma razão para incomodar os cristãos.

Caíam as últimas grandes chuvas do ano. Era a época de amassar o barro vermelho que se usava na construção dos muros. Essa tarefa não podia ser feita antes, porque as chuvas eram fortes demais e arrastariam os montículos de barro amassado; e tampouco poderia ser feita mais tarde, porque logo viria o tempo da colheita e, depois, a estação da seca.

Era a última colheita que Okonkwo tinha de passar em Mbanta. Os sete perdidos e tristes anos de seu exílio chegavam lentamente ao fim. Embora houvesse prosperado na terra natal da mãe, Okonkwo sabia que teria prosperado muito mais em Umuófia, terra de seus antepassados, onde os homens eram usados e tinham espírito guerreiro. Durante esses sete anos, ele teria certamente alcançado as posições mais altas do clã. Por isso, lamentava cada dia passado no exílio. Os parentes de sua mãe tinham sido muito generosos e Okonkwo lhes era grato. Mas isso não alterava os fatos. À primeira filha nascida no exílio dera o nome de Nneka — “A Mãe é Suprema” — em sinal de gentileza para com a família de sua mãe. Porém, quando dois

anos depois lhe nascera um filho, chamou-o Nwofia — “Procriado na Solidão”.

Tão logo teve início seu último ano de exílio, Okonkwo mandou dinheiro a Obierika, para que este lhe mandasse construir duas cabanas no mesmo local onde antes fora seu antigo *compound*. Ali, ele e a família morariam, até que pudesse construir outras cabanas e o muro exterior. Não podia pedir que outra pessoa construísse a cabana que seria seu *obi*, nem os muros do *compound*, pois essas são coisas que um homem levanta para si mesmo ou herda do pai.

Quando as derradeiras e pesadas chuvas do ano começaram a cair, Obierika mandou um recado, dizendo que as duas cabanas já estavam prontas. A partir de então, Okonkwo deu início aos preparativos para o regresso, que seria depois das chuvas. Nada lhe agradaria mais do que poder retornar antes disso e construir seu *compound* naquele mesmo ano, antes do término das chuvas, mas, se fizesse isso, deixaria de cumprir parte da penalidade de sete anos completos. Não podia ser. Portanto, teve de esperar impacientemente pela estação seca.

E ela foi chegando aos poucos. A chuva começou a rarear cada vez mais, até cair em ralas pancadas envesadas. Em algumas ocasiões, o sol aparecia através da chuva e uma ligeira brisa soprava. Era um tipo de chuva agradável e leve como o ar. O arco-íris costumava aparecer e, algumas vezes, havia dois arco-íris, como se fossem mãe e filha, uma jovem e bonita, e a outra, uma sombra velha e esmaecida. O arco-íris era chamado de jiboia do céu.

Okonkwo reuniu suas três mulheres e ordenou-lhes que tomassem providências para uma grande festa. — Preciso agradecer aos parentes de minha mãe antes de partir — explicou.

Ekweñ ainda contava com um resto de mandioca que lhe sobrara da colheita do ano anterior. Nada restara às outras mulhe-

res: Não que tivessem sido preguiçosas, mas elas tinham muitos filhos para alimentar. Assim, ficou decidido que Ekweñ contribuiria com a mandioca para a festa. A mãe de Nwoye e Ojiugo providenciariam outras coisas, por exemplo peixe defumado, óleo de palma e pimenta para a sopa. Okonkwo se encarregaria da carne e dos inhames.

Na manhã seguinte, Ekweñ levantou-se cedo e foi para a sua roça na companhia de Ezinna, sua filha, e de Obiageli, filha de Ojiugo, a fim de colher a mandioca. Cada uma delas levava uma comprida cesta de bambu, um facão para cortar o caule macio da mandioca e uma pequena enxada para desenterrar os tubérculos. Afortunadamente, uma chuva ligeira caíra durante a noite e a terra não deveria estar muito dura.

— Não demoraremos muito a colher a quantidade de que precisamos — comentou Ekweñ.

— Mas as folhas devem estar molhadas — observou Ezinna, que tinha a cesta equilibrada na cabeça e os braços cruzados sobre o peito. Sentia frio. — Não gosto de água fria pingando nas minhas costas. Devíamos ter esperado que o sol nascesse e secasse as folhas.

Obiageli chamou-a de “sal”, porque ela disse que não gostava de água. — Você tem medo de dissolver?

A colheita foi fácil, tal como Ekweñ previra. Ezinna bateu violentamente em cada planta com uma vara comprida, antes de se inclinar para cortar o caule e desenterrar o tubérculo. Algumas vezes nem era necessário cavar. Bastava puxar o toco, a terra cedia, com as raízes já arrancadas por baixo, e se retirava o tubérculo.

Quando já haviam colhido uma boa quantidade, carregaram os tubérculos em duas viagens até a beira do córrego, onde cada mulher tinha um poço raso para fermentar a mandioca.

— Deverá ficar no ponto em quatro dias, talvez até mesmo em três — disse Obiageli —, porque os tubérculos são novos.

— Nem todos são tão novos assim — afirmou Ekweñ. — Fiz essa plantação há quase dois anos. A terra é pobre, por isso os tubérculos são tão pequenos.

Okonkwo nunca fazia nada pela metade. Quando Ekweñ protestou, dizendo que duas cabras eram mais do que suficientes para a festa, ele respondeu que aquilo não era da conta dela.

— Se estou organizando esta festa é porque tenho os meios necessários para fazê-lo. Não posso morar às margens de um rio e lavar as mãos com cuspe. A família de minha mãe tem sido muito boa para mim e preciso demonstrar-lhe minha gratidão.

Por isso, três cabras foram abatidas, e também uma boa quantidade de aves. Era uma verdadeira festa de casamento. Havia *foo-foo* e sopa de inhame, sopa de *egusi* e de folha-amarga, e potes e mais potes de vinho de palma.

Todos os *umunna* foram convidados para a festa, todos os descendentes de Okolo, que vivera havia uns duzentos anos. O membro mais idoso dessa extensa família era Uchendu, tio de Okonkwo. Deram-lhe a noz de cola para partir, e também foi ele quem fez a oração aos ancestrais. Pediu-lhes saúde e filhos.

— Não vos pedimos riquezas, porque aquele que tem saúde e filhos também terá riquezas. Não pedimos mais dinheiro, e sim mais parentes. Somos melhores que os animais porque temos parentes. Um animal, quando sente coceira, esfrega o flanco numa árvore; um homem pede que um parente o coce. — Rezou especialmente por Okonkwo e sua família. Em seguida, partiu a noz de cola, atirando ao chão um dos lóbulos para os ancestrais.

Depois que os pedaços de noz de cola foram oferecidos a todos, as esposas e as filhas de Okonkwo e as mulheres que tinham vindo ajudá-las no preparo das comidas começaram a trazê-las. Os filhos trouxeram os potes de vinho de palma. Havia tanta

fatura de comida e bebida que muitos parentes assobiaram, espantados. Quando tudo foi colocado diante dos convidados, Okonkwo levantou-se e falou.

— Pegolhes que aceitem esta pequenina cola — disse. — Não o faço com a intenção de pagar-lhes tudo o que fizeram por mim nesses sete anos, pois filho algum paga o leite de sua mãe. Chamei-os para esta reunião porque é bom que parentes se encontrem.

O caldo de inhame foi servido em primeiro lugar, por ser mais leve do que o *foo-foo* e porque sempre se começa pelo inhame. Depois, serviram o *foo-foo*. Alguns o comeram com sopa de *egusi*, outros com sopa de folha-amarga. A seguir, a carne foi dividida de forma que cada membro do *umunna* recebesse uma porção. Cada um dos homens se levantava, por ordem de idade, e pegava seu pedaço. Mesmo as porções dos parentes que não tinham podido comparecer eram separadas, sempre na devida ordem de idade.

Enquanto bebiam o vinho de palma, um dos membros mais idosos do *umunna* ergueu-se, a fim de agradecer Okonkwo.

— Se eu dissesse que não esperávamos tão grande festa, estaria sugerindo que desconhecemos a generosidade de nosso filho Okonkwo. Todos nós o conhecemos muito bem e, portanto, sabíamos que ele nos ofereceria um verdadeiro banquete. No entanto, ainda é mais farto do que imaginávamos. Muito obrigado. Que todos vocês, nossos hóspedes, recebam tudo isto de volta, dez vezes mais. É muito agradável, num época como esta, em que a nova geração se considera mais sábia do que as anteriores, vermos alguém fazendo as coisas de maneira nobre, como antigamente. O homem que convida os parentes para uma festa não o faz com a intenção de evitar que eles morram de fome, pois todos têm comida em suas casas. Sempre que nos reunimos no parque enluarado da aldeia, não é para ver a lua, pois todos po-

dem vê-la de seu próprio *compound*. Nós nos reunimos porque é bom que as famílias o façam. Vocês hão de querer saber por que estou dizendo tudo isso. Faço-o porque temo pela nova geração, por esses que ali estão. — E indicou com o braço estendido o lugar onde a maioria dos rapazes estava sentada. — Quanto a mim, restam-me apenas poucos anos de vida, assim como a Uchendu, Unachukwu e Enefo. Mas temo por vocês, os jovens, porque vocês não compreendem como são fortes os laços de família. Não sabem o que é falar com uma só voz. E qual é o resultado disso? Uma religião abominável instalou-se entre vocês. De acordo com essa religião, um homem pode abandonar o pai e os irmãos. Pode blasfemar contra os deuses de seus pais e contra os antepassados, como se fosse um cachorro de caça que de repente ficasse louco e se voltasse contra o dono. Temo por vocês e temo pelo nosso clã.

E voltando-se novamente para Okonkwo, concluiu: — Muito obrigado por ter nos convidado para esta reunião.

TERCEIRA PARTE

Sete anos é um período demasiado longo para se passar afastado do clã a que se pertence. O lugar de um homem ausente não fica vazio, à espera de que o antigo dono volte a ocupá-lo. Assim que alguém se vai, surge logo um candidato à sua vaga. O clã é como os lagartos, que, quando perdem a cauda, logo lhes nasce outra nova.

Okonkwo sabia muito bem de tudo isso. Sabia que perdera seu lugar entre os nove espíritos mascarados que aplicavam a justiça no clã. Perdera a oportunidade de chefiar seu clã belicoso contra a nova religião, a qual, segundo lhe diziam, ganhara muito terreno. Perdera os anos durante os quais poderia ter recebido os mais elevados títulos do clã. Entretanto, algumas dessas perdas não eram irreparáveis. Estava decidido a fazer com que seu regresso não passasse despercebido de sua gente. Voltaria em grande estilo e haveria de recuperar os sete anos perdidos.

Mesmo durante o primeiro ano de exílio, já começara a fazer planos para o regresso. A primeira providência seria reconstruir seu *compound*, numa escala muito mais grandiosa. Pretendia er-

guer um celeiro muito maior do que o antigo e levantar cabanas para duas novas esposas. Em seguida, daria mais uma demonstração de prosperidade, iniciando seus filhos na sociedade ozo. Somente aos verdadeiros grandes homens do clã era dado fazer isso. Okonkwo imaginava com clareza absoluta a alta estima em que poderia ser tido, e visualizava-se recebendo o mais importante título de sua terra.

À medida que foram passando, um a um, os anos de exílio, parecia-lhe que seu *chi* tentava fazer as pazes com ele, compensando-o pelo desastre passado. Seus inhames cresciam abundantemente, não apenas os plantados na terra de sua mãe mas também os de Umuófia, cultivados todos os anos pelos meios.

E foi então que aconteceu a tragédia de seu primogênito. A princípio, parecia que o espírito de Okonkwo sucumbiria diante de tão grande desgosto. No entanto, seu espírito era daqueles capazes de rápida recuperação, e acabou por vencer a dor. Tinha mais cinco filhos e estava decidido a educá-los dentro das tradições do clã.

Mandara chamar os cinco filhos, que vieram ao seu *obi* e se sentaram. O mais novo tinha quatro anos.

— Todos vocês assistiram ao espantoso ato de abominação cometido pelo seu irmão. Ele agora, aliás, já não é nem meu filho nem irmão de vocês. Filho meu tem de ser homem de verdade, capaz de andar de cabeça erguida no meio do meu povo. Se algum de vocês preferir ser mulher, que siga Nwoye já, enquanto ainda estou vivo para amaldiçoá-lo. Se vocês se voltarem contra mim quando eu já estiver morto, virei visitá-los e hei de quebrar-lhes o pescoço.

Okonkwo tinha muita sorte com as filhas. Nunca deixou de lamentar que Ezinma fosse menina. De todos os filhos, só ela entendia cada um dos humores do pai. À medida que os anos iam passando, aumentavam os laços de afinidade entre eles.

Ezinma crescera no exílio e se tornara uma das moças mais bonitas de Mbanta. Chamavam-na “Cristal da Beleza”, o mesmo apelido que a mãe recebera na juventude. A meninazinha enfermiça, que tantas preocupações causara à mãe, tinha se transformado, quase da noite para o dia, numa donzela saudável, cheia de vivacidade. Costumava ter de vez em quando, isto é verdade, seus momentos de depressão, e então tratava todo mundo áspera e bruscamente, como um cachorro bravo. Nela, esses estados de espírito eram repentinos, sem nenhuma razão aparente, mas muito raros e de curta duração. Enquanto duravam, a única pessoa cuja presença ela conseguia suportar era o pai.

Muitos rapazes jovens e muitos homens abastados de meia-idade tinham ido a Mbanta com intenção de desposá-la. Porém ela a todos recusara, porque o pai a havia chamado certa noite e lhe dissera: — Aqui existem muitos homens bons e ricos, mas ficarei mais feliz se você se casar em Umuófia, quando voltarmos para casa.

Isso foi tudo o que lhe dissera. Mas Ezinma compreendera claramente toda a intenção e o significado oculto que havia nas entrelinhas. E concordara com o pai.

— Sua meia-irmã, Obiageli, não saberá me compreender — disse Okonkwo. — Você poderá explicar-lhe, se quiser.

Embora fossem quase da mesma idade, Ezinma exercia forte influência sobre sua meia-irmã. Explicou-lhe por que não deveriam casar-se ainda, e a outra também concordou. Por isso, as duas sistematicamente recusavam todas as ofertas de matrimônio em Mbanta.

— Costaria que ela fosse homem — pensava Okonkwo consigo mesmo. Ezinma compreendia tudo perfeitamente. Qual de seus filhos seria capaz de ler tão bem seu pensamento? Com duas filhas bonitas e já crescidas, o retorno da família à Umuófia atrairia enorme atenção. Seus futuros genros haveriam de ser

homens de autoridade no clã. Os pobres e desconhecidos não ousariam candidatar-se.

Na verdade, Umuóña mudara muito durante os sete anos do exílio de Okonkwo. Surgira a igreja, desencaminhando muita gente. Não apenas os de baixa extração ou os proscritos tinham aderido à nova fé, mas também alguns homens de valor. Um exemplo era Ogbuefi Ugonna, que recebera dois títulos e que, num ato de loucura, cortara a tornozela de seus títulos e a jogara fora para se juntar aos cristãos. O missionário branco orgulhava-se muito dele, que fora um dos primeiros homens em Umuóña a receber o sacramento da Sagrada Comunhão, ou Sagrada Festa, como se dizia em ibo. Ogbuefi Ugonna imaginava essa Festa em termos de comida e bebida, só que um pouco mais sagrada do que o tipo de festa da aldeia. Portanto, para a ocasião, não se esquecera de colocar seu chifre de beber no saco de pele de cabra.

Além da igreja, os homens brancos trouxeram também uma forma de governo. Tinham construído um tribunal, onde o comissário atuava como juiz. Tinha guardas sob suas ordens, que lhe levavam os indivíduos a serem julgados. Muitos desses guardas eram de Umuuru, às margens do Grande Rio,* onde muito tempo atrás os homens brancos tinham aparecido pela primeira vez, ali erguendo o centro de sua religião, comércio e governo. Esses funcionários do tribunal eram profundamente odiados em Umuóña, por serem forasteiros e também porque eram arrogantes e tinham mania de grandeza. Chamavam-nos *kotma*, e como costumassem usar calções cinzentos, foram apelidados de Traseiros de Cinza. Tomavam conta da prisão, que estava cheia

daquelles que haviam ofendido a lei do homem branco. Alguns desses prisioneiros eram indivíduos que tinham jogado fora filhos gêmeos, e outros tinham molestado os cristãos. Eram espancados na prisão pelos *kotma* e obrigados a trabalhar, todas as manhãs, na limpeza do *compound* do governo e a apANHAR lenha para o comissário branco e para os guardas. Alguns desses homens eram portadores de títulos, gente que deveria estar muito acima de semelhantes ocupações mesquinhas. Pesarosos por causa da indignidade que sofriam, lamentavam o abandono em que deixavam suas roças. Quando cortavam a grama de manhã, os homens mais moços cantavam, marcando o ritmo com os golpes de seus facões:

Kotma do traseiro de cinza

nasceu para ser escravo.

O homem branco não tem timo,

nasceu para ser escravo.

Os guardas não gostavam de ser chamados Traseiros de Cinza e batiam nos rapazes. Mas mesmo assim a canção se espalhou por Umuóña.

Okonkwo baixou a cabeça de tristeza quando Obierika lhe contou essas histórias.

— Talvez eu tenha ficado longe tempo demais — disse Okonkwo, quase como se falasse consigo próprio. — Porém não consigo entender nada disso que você está me contando. O que foi que aconteceu ao nosso povo? Por que todos perderam a paciência de luta?

— Você ainda não ouviu a história de como o homem branco arrasou Abame? — perguntou Obierika.

— Já, já ouvi — respondeu Okonkwo. — Mas também ouvi dizer que o povo de Abame era fraco e tolo. Por que não

* Trata-se do rio Níger. (N. T.)

reagiram, em represália? Por acaso não tinham armas de fogo e facões? Seríamos uns covardes, se nos comparássemos com os homens de Abame. Os antepassados deles jamais ousaram enfrentar os nossos ancestrais. Precisamos lutar contra aqueles homens e expulsá-los de nossa terra.

— Acho que agora é tarde demais — referiu Obierika, tristemente. — Nossos próprios camaradas e nossos filhos já se juntaram às fileiras do forasteiro. Adotaram a religião dele e ajudaram a apoiar seu governo. Não será difícil tentar expulsar os homens brancos de Umuofia, pois só há dois deles. Mas que dizer da nossa própria gente, que segue o mesmo caminho e a quem eles deram poder? Iriam a Umuru e trariam soldados, e aconteceria conosco o mesmo que aconteceu em Abame. — Fez uma longa pausa e, depois, continuou: — Penso que já lhe contei, em minha última visita a Mbanta, como foi que enforcaram Aneto.

— O que aconteceu, afinal, com aquele pedaço de terra em disputa? — perguntou Okonkwo.

— A corte do homem branco decidiu que deverá pertencer à família de Nnama, que tem dado muito dinheiro aos funcionários e ao intérprete do homem branco.

— Por acaso o homem branco entende os nossos costumes no que diz respeito à terra?

— Como é que ele pode entender, se nem sequer fala a nossa língua? Mas declara que nossos costumes são ruins; e nossos próprios irmãos, que adotaram a religião dele, também declaram que nossos costumes não prestam. De que maneira você pensa que poderemos lutar, se nossos próprios irmãos se voltaram contra nós? O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. Ele cortou com uma faca o que nos mantinha unidos, e nós nos despedaçamos.

— Como foi que eles conseguiram prender Aneto e enforcá-lo? — indagou Okonkwo.

— Quando Aneto matou Oduche por causa daquele terreno, fugiu para Aninta, a fim de escapar à ira da terra. Isso aconteceu mais ou menos oito dias após a briga, porque Oduche não morreu imediatamente dos ferimentos. Morreu só no sétimo dia. Porém todo mundo sabia que ele ia morrer, então Aneto reuniu seus pertences e ficou à espera, preparado para fugir. Porém os cristãos relataram o incidente ao homem branco, que enviou os seus *kotma* para prender Aneto. Levaram-no para a prisão juntamente com todos os líderes de sua família. Quando Oduche morreu, Aneto foi levado a Umuru, onde o enforcaram. Os outros foram soltos, mas até hoje não têm boca para contar os sofrimentos que passaram.

E, durante muito tempo, os dois homens ficaram ali sentados, em silêncio.

Havia em Umuófa muitos homens e mulheres que não compartilhavam as mesmas opiniões hostis de Okonkwo sobre o novo regime. O homem branco trouxera realmente uma religião maluca; mas, ao mesmo tempo, construíra um enteposto, fazendo com que pela primeira vez o óleo e as sementes de palma atingissem preços elevados e que uma grande quantidade de dinheiro affluisse a Umuófa.

Mesmo em matéria de religião, havia também um sentimento crescente de que talvez existisse algo de bom na crença do branco, algo vagamente semelhante a um método em toda aquela esmagadora loucura.

A expansão desse sentimento devia-se ao sr. Brown, o missionário branco, cuja atitude firme impedia seu rebanho de proferir a ira do clã. Um dos membros desse rebanho era particularmente difícil de refrear. Chamava-se Enoch e seu pai era o sacerdote do culto da serpente. Correria o boato de que Enoch havia matado e comido a jiboia sagrada e o pai o havia amaldiçoado.

O sr. Brown costumava pregar contra tais excessos de zelo. Tudo era possível, dizia ele ao seu vigoroso rebanho, mas nem tudo era oportuno. O sr. Brown chegou a ser respeitado até mesmo pelo clã, graças à maneira suave com que sabia atuar, sempre que se tratasse de questões de fé. Fez amizade com alguns dos mais importantes homens do clã; e em uma de suas frequentes visitas às aldeias vizinhas, foi apresentado com uma presa de elefante toda entalhada, sinal de reconhecida dignidade e *status*. Um dos grandes homens daquela aldeia, chamado Akunna, entregara-lhe um dos filhos, para que aprendesse na escola do sr. Brown a ciência do homem branco.

Todas as vezes que o sr. Brown visitava essa aldeia, passava longas horas no *obi* de Akunna, conversando com ele sobre religião com a ajuda de um intérprete. Nenhum dos dois conseguia converter o outro, mas aprendiam sempre mais alguma coisa sobre suas respectivas crenças, tão diferentes entre si.

— O senhor declara que há um Deus supremo que fez o céu e a terra — disse Akunna durante uma das visitas do sr. Brown. — Nós também acreditamos n'Ele e O chamamos de Chukwu. Ele fez o mundo inteiro e todos os outros deuses.

— Não existem outros deuses — retrucou o sr. Brown. — Chukwu é o único Deus e todos os demais são falsos. Vocês entalham um pedaço de madeira, como aquele lá (e apontou para os caibros, dos quais pendia o *ikenga* entalhado de Akunna), e dizem que é um deus. Mesmo assim, continua não passando de um simples pedaço de madeira.

— Certo — respondeu Akunna. — É mesmo um pedaço de madeira. Mas a árvore da qual foi cortado foi feita por Chukwu, da mesma maneira, aliás, que todos os deuses menores. Chukwu fez esses deuses para serem os mensageiros através dos quais todos nós podemos nos aproximar d'Ele. É como no seu caso. O senhor é chefe da sua igreja.

— Absolutamente! — protestou o sr. Brown. — O chefe da minha igreja é o próprio Deus.

— Eu sei — contrapôs Akunna. — Mas deve haver um chefe no mundo, entre os homens. Alguém como o senhor deve ser o chefe aqui na terra.

— O chefe da minha igreja, no sentido que o senhor dá à palavra, está na Inglaterra.

— Pois então. É exatamente isso que eu estou dizendo. O chefe da sua igreja está no seu país. Ele o enviou aqui como seu emissário. E, por sua vez, o senhor também escolheu seus próprios emissários e servos. Ou então, deixe-me dar outro exemplo: o comissário distrital. Ele foi mandado pelo seu rei.

— Lá eles têm uma rainha — interveio o intérprete por conta própria.

— Pois bem, sua rainha envia um representante, que é o comissário distrital. Ele, por sua vez, chega à conclusão de que não pode executar a tarefa sozinho e, então, nomeia os *kotma* para ajudá-lo. A mesma coisa acontece com Deus, ou Chukwu. Ele nomeia deuses menores para ajudá-lo, porque Seu trabalho é grande demais para uma só pessoa.

— Os senhores não deveriam pensar Nele como sendo uma pessoa — disse o sr. Brown. — É justamente por fazerem isso que imaginam que Ele deve precisar de ajudantes. E o que é ainda pior, dedicam a exclusividade da adoração aos falsos deuses que criaram.

— Não é verdade. Fazemos sacrifícios aos pequenos deuses, mas quando eles nos falham e não há mais ninguém que nos possa socorrer, nos dirigimos a Chukwu. Isso é que é o certo. Pois a forma de nos aproximarmos de um grande homem é através de seus servos. Mas se esses servos fracassam e não conseguem nos auxiliar, então nós nos dirigimos à última fonte de esperança. É apenas uma impressão, a de que damos grande importância aos

pequenos deuses, uma impressão falsa. Simplesmente nós os incomodamos mais vezes, por temermos incomodar o Chefe deles todos. Nossos pais sabiam que Chukwu era o Senhor Supremo, por isso muitos davam aos filhos o nome de Chukwuka, que significa “Chukwu é Supremo”.

— O senhor acaba de mencionar uma coisa interessante — disse o sr. Brown. — Que vocês têm medo de Chukwu. Ora, na minha religião, Chukwu é um pai amantíssimo e não precisa ser temido por aqueles que cumprem Sua vontade.

— No entanto, é preciso que O tenhamos, quando não estivermos cumprindo Sua vontade — argumentou Akunna. — E quem, de nós, sabe qual é a Sua vontade? É algo grande demais para ser conhecido.

— Assim o sr. Brown aprendeu muito sobre a religião do clã, chegando à conclusão de que qualquer ataque frontal que se lhe fizesse não seria bem-sucedido. Então, construiu uma escola e um pequeno hospital em Umuóña. Foi de família em família, suplicando às pessoas que mandassem os filhos à sua escola. A princípio, porém, elas se limitavam a mandar-lhe os escravos ou, algumas vezes, os filhos que eram preguiçosos. O sr. Brown suplicou, discutiu e profetizou. Disse que os futuros líderes da região seriam os homens e as mulheres que tivessem aprendido a ler e a escrever. Se o povo de Umuóña se negasse a mandar seus filhos à escola, viriam forasteiros de outras áreas para governá-la. Podiam verificar que isso estava realmente acontecendo, pelo exemplo do tribunal da cidade, onde o comissário distrital estava rodeado de forasteiros que falavam a língua dele. A maioria desses forasteiros vinha de Ummuru, a distante cidade situada às margens do Grande Rio, onde o homem branco aparecera pela primeira vez.

Finalmente os argumentos do sr. Brown começaram a surtir efeito. O número de alunos em sua escola aumentou. Ele os encorajava, presentando-os com camisetas e toalhas. Nem

todas as pessoas que vinham às aulas eram jovens. Alguns alunos tinham trinta anos de idade, ou mais. Trabalhavam em suas roças na parte da manhã e frequentavam a escola à tarde. Não tardou muito para que começasse a correr a voz de que o feitiço do homem branco fazia efeito depressa. A escola do sr. Brown produzia resultados rápidos. Bastavam alguns meses de frequência para que alguém se tornasse mensageiro ou mesmo funcionário de escritório do tribunal. Aqueles que nela permaneciam por mais tempo transformavam-se em professores; e de toda Umuófia chegavam os trabalhadores às vinhas do Senhor. Novas igrejas estabeleceram-se nas aldeias vizinhas e, com elas, algumas escolas. Desde os primeiros tempos, a religião e a educação andaram de mãos dadas.

A missão do sr. Brown ganhava cada vez mais força e, por estar ligada à nova administração, crescia em prestígio social. Porém a saúde do sr. Brown já não era tão boa como antigamente. No início, ele procurou ignorar os sinais de advertência. Mas afinal, triste e alquebrado, viu-se obrigado a abandonar o rebanho.

Foi na primeira estação das chuvas, após o regresso de Okonkwo a Umuófia, que o sr. Brown partiu, de volta à pátria. Assim que soubera do regresso de Okonkwo, cinco meses antes, o missionário fora imediatamente fazer-lhe uma visita. Por coincidência, acabara de enviar o filho de Okonkwo, Nwoye, que agora se passara a chamar Isaac, para o novo colégio de treinamento de professores em Umuu. Tinha esperanças de que Okonkwo ficasse satisfeito com essa notícia; mas Okonkwo o mandara embora, com a ameaça de que, se tornasse a entrar em seu *compound*, seria expulso à força.

O regresso de Okonkwo à terra natal não fora tão memorável quanto desejara. Verdade que suas duas belas filhas desper-

taram grande interesse entre os pretendentes e que, pouco depois, desatavam-se negociações para os casamentos. Mas, à parte disso, Umuófia não parecia ter dado nenhuma atenção especial ao retorno do guerreiro. O clã sofrera tão profundas mudanças durante seu exílio, que estava quase irreconhecível. O povo só tinha olhos e ouvidos para a nova religião, o novo governo e os novos entropostos. Ainda havia muita gente que considerava essas novas instituições malignas, mas mesmo essa gente não pensava nem falava em outro assunto e, sem dúvida alguma, não estava interessada no retorno de Okonkwo.

O momento do retorno também não fora o melhor. Se Okonkwo tivesse, como planejara, iniciado imediatamente seus dois filhos na sociedade *ozo*, talvez isso houvesse causado algum impacto. Mas como o rito de iniciação só se realizava de três em três anos em Umuófia, ele foi obrigado a esperar quase dois anos pelas próximas celebrações da cerimônia.

Okonkwo estava profundamente aborrecido. E seu aborrecimento não era apenas originado por motivos pessoais. Lamentava a situação em que encontrara o clã, dividindo-se e desintegrando-se, e lamentava ainda mais os guerreiros de Umuófia, que haviam se tornado inexplicavelmente fracos como mulheres.

O sucessor do sr. Brown, o reverendo James Smith, era um homem muito diferente dele. Condenou de forma clara a política de acomodação e concessões adotada pelo sr. Brown. Para ele, as coisas eram brancas ou pretas. E as pretas eram decididamente más. Via o mundo como um campo de batalha no qual os filhos da luz estavam sempre travando mortais conflitos contra os filhos da treva. Em seus sermões, costumava falar em ovelhas e cabras, no joio e no trigo. Acreditava na destruição dos profetas de Baal.

O sr. Smith ficou profundamente chocado com a ignorância evidenciada por grande número de ovelhas de seu rebanho, mesmo em relação a temas como a Trindade e os Sacramentos. Isso apenas mostrava como eram sementes plantadas num solo rochoso. O sr. Brown não pensara em nada, a não ser em quantidade. Ele deveria saber, no entanto, que o reino de Deus não depende de grandes multidões. O próprio Nosso Senhor salientara a importância das minorias. Estreito é o caminho e poucos são os eleitos. Encher o sagrado templo do Senhor com uma multidão

idólata a clamar por provas era uma loucura cujas consequências durariam para sempre. Nosso Senhor usara a chibata uma única vez — para expulsar a multidão de Sua igreja.

Poucas semanas após sua chegada a Umuófia, o sr. Smith resolveu declarar suspensa da igreja uma jovem mulher que havia vertido vinho novo em garrafa velha. Essa mulher permitira que o marido pagão mutilasse o filho morto. A criança fora considerada um *ogbanié*, que haveria de atormentar a mãe, tornando a entrar em seu ventre, depois de morta, para assim nascer de novo. Quatro vezes essa mesma criança já cumprira sua ronda maligna. Por isso mutilaram-na, a fim de desencorajá-la a voltar.

O sr. Smith ficou furioso quando ouviu contar o caso. Ele não dava crédito à história, confirmada até mesmo por alguns de seus mais fervorosos féis, de que realmente existiam tais crianças e de que nem as mutilações as detinham, pois insistiam em nascer de novo, trazendo no corpo as cicatrizes. Replicou que semelhantes histórias eram espalhadas no mundo pelo Diabo, a fim de desencaminhar os homens. Aqueles que acreditassem em histórias como aquela eram indignos da mesa do Senhor.

Havia um ditado em Umuófia que dizia: o batuke dos tambores acompanha o modo de dançar de cada homem. O sr. Smith dançava de modo frenético, e por isso os tambores também enlouqueceram. Os féis superzelosos que se haviam acalmado sob a mão comedida do sr. Brown agora floresciam na qualidade de favoritos absolutos. Um deles era Enoch, o filho do sacerdote da serpente, que, diziam, tinha matado e comido a jiboia sagrada. A devoção de Enoch à nova crença parecera aos aldeões tão desmedida, comparada à do sr. Brown, que costumavam chamá-lo de O Estranho Que Chora Mais Alto do Que o Viúvo.

Enoch era baixo e miúdo, e dava sempre a impressão de estar apressadíssimo. Seus pés eram curtos e largos. Quando ficava de pé ou andava, os calcanhares se juntavam e os pés se

abriam para fora, como se tivessem brigado um com o outro e quisessem ir em direções diferentes. Tamanho era o excesso de energia acumulado no corpo frágil de Enoch, que ele sempre explodia violentamente em discussões ou brigas. Aos domingos, sempre imaginava que o sermão se dirigia especialmente a seus inimigos. Se lhe acontecesse, então, estar sentado perto de um deles, costumava virar-se de vez em quando para o indivíduo e lançar-lhe olhares significativos, como a advertir: “Eu não lhe disse?”. Foi esse Enoch quem desencadeou o grande conflito entre a igreja e o clã em Umuófia, conflito que, aliás, se fora formando desde a partida do sr. Brown.

Foi durante a cerimônia anual em homenagem à deusa da terra. Em tal ocasião, os ancestrais colocados, ao morrerem, sob a custódia da Mãe-Terra, reapareciam como *egwugwu*, emergindo de minúsculas entradas de formigueiros.

Um dos maiores crimes que alguém podia cometer era tirar a máscara de um *egwugwu* em público ou, então, dizer ou fazer alguma coisa que pudesse diminuir seu prestígio imortal aos olhos dos não iniciados. E foi isso o que Enoch fez.

O culto anual da deusa da terra caiu num domingo, e os espíritos mascarados estavam à solta. Por isso, as mulheres cristãs que tinham ido à igreja não puderam voltar para casa. Alguns homens de suas famílias resolveram ir pedir aos *egwugwus* que se retritassem durante um certo tempo, a fim de que as mulheres pudessem passar. Eles concordaram, e já começavam a se afastar, quando Enoch alardeou em altas vozes que os espíritos não usariam tocar num cristão. No mesmo instante, todos eles voltaram para trás e um deles aplicou uma boa bastonada em Enoch — os *egwugwus* carregam sempre um bastão. Enoch avançou para cima do sujeito e arrancou-lhe a máscara. Imediatamente os outros *egwugwus* rodaram o companheiro profanado, para protegê-lo dos olhares sacrílegos das mulheres e crian-

ças, e o levaram embora. Enoch matara um espírito ancestral, e Umuófia mergulhou na confusão.

Naquela noite, a Mãe dos Espíritos vagou pelo clã, andando em todas as direções, a prantear o filho morto. Foi uma noite terrível. Nem mesmo o mais velho dos homens de Umuófia já-mais ouvira som tão estranho e apavorante, e nunca mais ouvira. Parecia que a alma do clã chorava um grande mal prestes a acontecer: a sua própria morte.

No dia seguinte, todos os *egwugwus* mascarados de Umuófia reuniram-se na praça do mercado. Vieram de todos os cantos do clã e até das aldeias vizinhas. O temível Otakagu veio de Imo, e Elkwensu, com um galo branco dependurado, chegou de Uli. Era uma reunião medonha. As vozes sobrenaturais dos numerosos espíritos, os guizos que chocalhavam nas costas de alguns deles e o estridor dos facões ao se entrechocarem quando eles corriam para a frente e para trás, tocando saudações uns com os outros, provocavam estremecimentos de medo em todos os corações. E pela primeira vez na história de Umuófia o berra-boi sagrado foi ouvido em plena luz do dia.

Da praça do mercado, o bando furioso dirigiu-se ao *compound* de Enoch. Alguns anciãos o acompanhavam, praticamente vestidos com talismãs e amuletos. Esses eram homens de *ogwu*, ou de muita força espiritual. Quanto às pessoas comuns, ficaram ouvindo de longe, na segurança de suas cabanas.

Na noite anterior, os líderes cristãos tinham se reunido no presbitério do sr. Smith. Enquanto deliberavam, escutavam os gemidos de dor da Mãe dos Espíritos, a chorar o filho morto. Aquele rumor deprimentemente afetou o sr. Smith, que, pela primeira vez, parecia assustado.

— O que é que eles pretendem fazer? — perguntou. Mas ninguém soube responder, porque aquilo jamais acontecera antes. O sr. Smith teria mandado chamar o comissário distrital e seus ajudantes, não fosse eles terem viajado justamente na véspera.

— Uma coisa parece bem clara — disse o sr. Smith. — Não lhes poderemos opor nenhuma espécie de resistência física. Nossa força está nas mãos do Senhor.

Todos se ajoelharam e imploraram salvação a Deus.

— Ó Senhor! Salvai o Vosso povo! — exclamou o sr. Smith.

— E abençoai Vosso rebanho! — responderam os homens.

Decidiram que Enoch ficaria escondido ali no presbitério durante um ou dois dias. Quanto ao próprio Enoch, sentiu-se profundamente desapontado ao ouvir isso, pois alimentara a expectativa da eminência de uma guerra santa; e outros pensavam do mesmo modo. Mas a sabedoria prevaleceu entre os fiéis, e assim muitas vidas foram salvas.

Como um tuão furioso, o bando de *egwugwus* encarniou-se para o *compound* de Enoch e, com facões e fogo, reduziram-no a um deplorável monte de escombros. Dali, dirigiram-se à igreja, sedentos de destruição.

O sr. Smith encontrava-se no templo quando ouviu os espíritos mascarados se aproximarem. Caminhou tranquilamente para a porta de comunicação entre a igreja e o resto do *compound*, ali ficando à espera. Mas, no momento em que os três ou quatro primeiros *egwugwus* apareceram nas proximidades da igreja, ele esteve a ponto de fugir, em disparada. Conseguiu vencer esse impulso inicial e, em vez de fugir, desceu os dois degraus da porta da igreja e caminhou na direção dos espíritos. Como uma onda encapelada, estes avançaram e derrubaram uma grande parte da cerca de bambu que cercundava o *compound* da igreja. Chocalhos dissonantes badalavam, facões colídiam estrepitosamente e o ar estava cheio de poeira e de sons sobrenaturais. O sr. Smith ouviu um ruído de passos atrás de si. Deu meia-volta e deparou com Okeke, o intérprete. As relações entre Okeke e seu patrão não tinham sido das melhores durante a reuniões dos líderes da igreja, na noite anterior, quando o sr.

Smith condenara violentamente o comportamento de Enoch. Okeke chegara a dizer que Enoch não deveria ser escondido no presbitério, porque se o fosse, isso haveria de desencadear a ira do clã contra o pastor. O sr. Smith o censurara com palavras duras e, naquela manhã, não o procurara em busca de conselho. Mas agora, no momento em que ele surgira para enfrentar a seu lado os espíritos irados, o sr. Smith o olhara sorridente. Era um sorriso débil, porém havia profunda gratidão nele.

Durante alguns instantes, a investida dos *egwugwus* foi contida pela inesperada atitude dos dois homens. Mas não passou de uma interrupção momentânea, semelhante ao silêncio tenso entre dois estrondos de trovão. A segunda investida foi ainda maior do que a primeira. Engoliu os dois homens. De repente, uma voz inconfundível ergueu-se acima do tumulto e o silêncio se fez de imediato. Abriu-se um espaço ao redor dos dois homens, e Aiofa começou a falar.

Aiofa era o líder dos *egwugwus* de Umuófa. Era o cabeça e o porta-voz dos nove ancestrais, que distribuíam justiça no clã. Tinha uma voz inconfundível e, por isso, conseguiu acalmar instantaneamente os agitados espíritos. Quando falou, suas palavras dirigiram-se ao sr. Smith, e nuvens de fumaça evolviam de sua cabeça.

— Corpo do homem branco, eu vos saúdo — disse ele, usando a linguagem que os imortais costumam empregar quando falam aos homens.

— Corpo do homem branco, vós me conheceis? — perguntou ele. O sr. Smith olhou para o intérprete, mas Okeke, que era um nativo da distante Umuu, também não sabia o que fazer.

Aiofa deu uma risada gutural. Seu riso parecia feito de metal enferrujado. — Eles são forasteiros — afirmou —, e são ignorantes. Não sabem como devem responder.

Voltou-se para os camaradas e saudou-os, chamando-os de

pais de Umuófa. Fincou sua lança chocalhante no chão e ela estremeceu como se tivesse uma vida metálica. Depois, tomou a voltar-se na direção do missionário e do intérprete.

— Diga ao homem branco que não lhe faremos nenhum mal — falou ele ao intérprete. — Diga-lhe que volte para sua casa e que nos deixe aqui sozinhos. Nós gostávamos daquele irmão dele, o que estava aqui conosco antes. Era um tolo, mas nós o estimávamos, e por causa dele nenhum mal causaremos a seu irmão. Mas este santuário que ele construiu deve ser destruído. Não mais permitiremos que continue a existir em nosso meio. Produziu indizíveis abominações e estamos aqui com a finalidade de acabar com tudo isso. — Voltou-se para os companheiros. — Pais de Umuófa, eu vos saúdo! — e eles responderam em uníssono, com voz gutural. Novamente virou-se para o missionário. — O senhor pode continuar a morar na nossa terra, se gostar dos nossos costumes. Pode continuar a adorar o seu Deus. É bom que um homem adore os deuses e os espíritos de seus antepassados. Volte para sua casa, para não sofrer nenhum dano. Nossa ira é imensa, mas soubemos controlá-la, a fim de dirigir-lhe essas palavras.

O sr. Smith dirigiu-se ao intérprete: — Diga-lhes que devem ir embora. Esta é a casa de Deus e não pretendo sobreviver à sua profanação.

Okeke, prudentemente, assim traduziu as palavras do sr. Smith aos líderes e espíritos de Umuófa: — O homem branco disse que está muito contente por vocês terem vindo procurá-lo para expor suas queixas, como amigos. Ficará feliz se resolverem deixar a solução deste assunto nas mãos dele.

— Não podemos deixar o assunto nas mãos dele, porque ele não compreende os nossos costumes, assim como não entendemos os dele. Nós achamos que ele é um tolo por não conhecer nossos modos de vida, e talvez ele nos ache tolos por não conhecermos os dele. Diga-lhe que vá embora.

O sr. Smith não arredou pé. Mas não conseguiu salvar a igreja. Quando os *egwugwu*s se foram, o prédio de barro vermelho que o sr. Brown construía estava reduzido a um monte de terra e cinzas. O espírito do clã fora pacificado. Temporariamente, pelo menos.

Pela primeira vez em muitos anos, Okonkwo sentia dentro dele algo muito próximo à felicidade. Tudo o que, tão inexplicavelmente, havia mudado durante seu exílio, parecia retornar ao que fora antes. O clã, que lhe tinha sido desleal, também parecia reconciliar-se com ele.

Quando se reuniram na praça do mercado, para decidir que atitude tomariam, Okonkwo dirigira palavras de extrema violência a seus companheiros de clã. E todos o tinham ouvido respeitosamente. Tudo sucedera, de novo, como nos bons velhos tempos, quando um guerreiro era um guerreiro. Embora não tivessem estado de acordo em matar o missionário ou expulsar os cristãos, haviam concordado em fazer algo decisivo. E realmente o fizeram. Okonkwo sentia-se quase feliz outra vez.

Nos dois dias que se seguiram à destruição da igreja, nada aconteceu. Todos os homens de Umuófia andavam armados com espingarda ou facção. Não seriam apanhados de surpresa, como sucedera ao povo de Abame.

Então, o comissário distrital voltou de viagem. O sr. Smith foi imediatamente procurá-lo e os dois tiveram uma longa conversa. Os homens de Umuófia não prestaram a mínima atenção a esse fato ou, se prestaram, não o consideraram importante. O missionário costumava visitar com frequência seu irmão branco. Nada havia de estranho nisso.

Três dias depois, o comissário distrital enviou seu emissário de fala mais mansa aos líderes de Umuófia, pedindo que fossem vê-lo em sua sede. Também isso nada tinha de estranho, pois muitas vezes ele os convidara para tais conferências, como costumava chamá-las. Okonkwo estava entre os seis líderes convocados.

Okonkwo advertiu os companheiros para que fossem armados.

— Nenhum homem de Umuófia nega-se a atender a um chamado — declarou. — Pode se recusar a fazer o que lhe pedem; mas jamais se recusa a ouvir um pedido. Entretanto, os tempos mudaram, e precisamos estar preparados para seja o que for.

Os seis, portanto, foram encontrar-se com o comissário distrital munidos de facções. Não levaram armas de fogo, pois seria impróprio. Foram conduzidos à sala do tribunal, onde o comissário já se encontrava sentado. Recebeu-os polidamente. Todos os seis despenduraram dos ombros os sacos de pele de cabra e os facções embainhados, colocaram-nos no chão e se sentaram.

— Pedi-lhes que viessem até aqui — principiou o comissário — por causa do que sucedeu durante minha ausência. Contaram-me algumas coisas, mas não posso dar crédito a elas enquanto não tiver ouvido o outro lado da história. Vamos discutir o assunto como amigos e tentar garantir um modo de que nenhum outro incidente dessa espécie volte a acontecer.

Ogbuefi Ekwueme pôs-se de pé e começou a contar a história.

— Espere um instante — pediu o comissário. — Quero fazer entrar meus homens, para que eles também possam ouvir suas queixas e fiquem advertidos. Muitos deles são oriundos de lugares distantes e, embora falem a língua de vocês, ignoram seus costumes. James! Diga aos homens que entrem.

O intérprete saiu da sala do tribunal e voltou em seguida acompanhado por doze homens. Todos se sentaram junto aos líderes de Umuóña, e Ogbuefi Ekweme começou mais uma vez a contar a história de como Enoch tinha assassinado um *egwugwu*.

Tudo aconteceu tão rapidamente, que os seis homens não se deram conta de nada. Houve apenas uma leve escaramuça, breve demais até mesmo para permitir que algum deles desembaïnhasse o facão. Os seis homens foram algemados e levados para o quarto da guarda.

— Não pretendemos fazer-lhes nenhum mal — disse-lhes mais tarde o comissário — desde que vocês concordem em cooperar conosco. Nós trouxemos aos senhores e a este povo uma administração pacífica, para que todos possam ser felizes. Se alguém maltratar qualquer um de vocês, estamos dispostos a presertar ao ofendido o nosso auxílio. Porém, não permitiremos que nenhum de vocês maltrate os outros. Temos um tribunal que julga os casos e administra justiça exatamente da mesma maneira que se faz em meu país, que é governado por uma grande rainha. Se mandei trazê-los aqui, foi porque vocês se reuniram para causar dano a outras pessoas, queimar-lhes a casa e a igreja. Isso não deve acontecer nos domínios da nossa rainha, a mais poderosa governante do mundo. Decidi que vocês terão de pagar uma multa de duzentos sacos de cauris. Serão postos em liberdade tão logo concordem com o que acabo de lhes dizer e comecem a cobrar do povo a multa a que me referi. O que têm a me dizer?

Os seis homens ficaram sorumbáticos e silenciosos, e o co-

missário os deixou a sós durante algum tempo. Antes de sair da sala, ordenou que os guardas do tribunal tratassem os homens com respeito, porque eles eram os líderes de Umuóña. — Sim, senhor — responderam os guardas, fazendo-lhe continência.

Assim que o comissário saiu, o chefe dos guardas, que por acaso também era o barbeiro dos prisioneiros, pegou uma navalha e raspou todo o cabelo da cabeça dos seis. Como estivessem ainda algemados, continuaram sentados onde estavam, com ar de profundo desânimo.

— Quem é o chefe do grupo? — perguntaram os guardas em tom jocoso. — Já reparamos que qualquer mendigo usa tornozeleira de título aqui em Umuóña. Será que ela chega a custar dez cauris?

Os seis homens não comeram nada durante todo aquele dia e o seguinte. Nem sequer lhes deram água para beber, e não podiam sair para urinar ou para ir ao mato quando estavam apertados. À noite, os guardas apareceram para provocá-los, pegaram em suas cabeças raspadas e bateram umas contra as outras.

Mesmo quando os seis estavam sozinhos, não encontravam palavras para conversar entre si. Foi somente no terceiro dia, quando não conseguiam mais aguentar a fome e os insultos, que começaram a falar em ceder.

— Se vocês me tivessem dado ouvido, teríamos matado o homem branco — rosnou Okonkwo.

— E a essa hora estaríamos em Umuuru, à espera de sermos enforcados — retrucou alguém.

— Quem é que está falando aí em matar o homem branco? — perguntou um guarda que acabara de entrar de repente. Nenhum dos seis respondeu.

— Vocês não estão satisfeitos com o crime que já cometeram, e ainda por cima querem matar o homem branco! — O guarda trazia na mão uma vara grossa, com a qual deu algumas

pancadas na cabeça e nas costas de cada homem. Okonkwo estava engasgado de ódio.

Logo que os seis homens foram presos, guardas do tribunal dirigiram-se a Umuófia para dizer ao povo que seus líderes só seriam postos em liberdade depois que uma multa de duzentos e cinquenta sacos de cauris fosse paga pelos habitantes.

— A menos que vocês paguem a multa imediatamente — declarou o chefe do grupo —, levaremos seus líderes a Umuru, à presença do grande homem branco, e eles serão enforcados.

Essa história se espalhou bem depressa pelas aldeias e, à medida que ia se difundindo, era aumentada. Alguns diziam que os homens já tinham sido levados a Umuru e seriam enforcados no dia seguinte. Outros diziam que as famílias deles também seriam enforcadas. E havia até quem dissesse que soldados já estavam a caminho, para matarem a tiros o povo de Umuófia, da mesma maneira que tinham feito em Abame.

Era tempo de lua cheia. Mas, naquela noite, as vozes das crianças não foram ouvidas. O *ilo* da aldeia, onde elas sempre se reuniam para brincar quando havia lua, estava vazio. As mulheres de Iguedo não se encontraram em seu esconderijo secreto para aprender uma nova dança que, mais tarde, seria apresentada na aldeia. Os rapazes, que costumavam sair de casa sempre que havia luar, naquela noite ficaram em suas moradas. Suas vozes másculas não foram ouvidas pelos atalhos da aldeia, como acontecia quando eles saíam para visitar seus amigos ou suas namoradas. Umuófia estava como um animal assustado, de orelhas em pé, a farejar o ar silencioso e agourento, sem saber para que lado fugir.

O silêncio foi quebrado pelo pregoeiro da aldeia, a bater seu sonoro agogô. Convocava todos os homens de Umuófia, do

grupo etário dos Akakanma para cima, a se reunirem na praça do mercado após a refeição matinal. O pregoeiro foi de um extremo a outro da aldeia e atravessou-a toda, na largura. Não omitiu nenhum dos principais caminhos.

O *compound* de Okonkwo parecia uma roça abandonada. Era como se alguém tivesse despejado água fria por cima de tudo. A família estava toda lá, mas falava aos cochichos. Ezinma, a filha, suspendera a visita de vinte e oito dias à família do futuro marido e voltara para casa quando lhe disseram que o pai fora preso e estava para ser enforcado. Assim que chegou, foi à morada de Obierika para indagar que providência os homens de Umuófia pretendiam tomar. Mas Obierika não aparecia em casa desde de manhã. Suas esposas imaginavam que ele tivesse ido a uma reunião secreta. Ezinma ficou satisfeita, pois isso significava que algo estava sendo providenciado.

Naquela manhã, após a convocação feita pelo pregoeiro, os homens de Umuófia se reuniram na praça do mercado e decidiram coletar, o quanto antes possível, os duzentos e cinquenta sacos de cauris para amansar o homem branco. Eles ignoravam que cinquenta desses sacos seriam para os guardas do tribunal, que propositadamente haviam aumentado o valor da multa.

Okonkwo e seus companheiros de prisão foram libertados assim que a multa foi paga. O comissário distrital tornou a falar-lhes sobre a grande rainha, sobre paz e bom governo. Mas os homens não pareciam escutar. Limitaram-se a continuar onde estavam, sentados, olhando para o comissário e seu intérprete. Finalmente, receberam de volta seus sacos e seus facões embainhados e foram dispensados. Levantaram-se e saíram do tribunal. Não conversaram entre si nem falaram com ninguém.

O tribunal, tal como a igreja, fora construído a uma pequena distância dos limites da aldeia. O caminho que unia um edifício a outro era muito percorrido, porque também levava ao córrego, que ficava pouco adiante do tribunal. Era um caminho largo e arenoso. Os caminhos eram sempre largos e arenosos na estação seca; mas, quando as chuvas chegavam, o mato crescia, espesso, nas duas beiras da estrada, e avançava sobre ela. Era a estação seca agora.

À medida que andavam em direção à aldeia, os seis homens encontravam mulheres e crianças que se dirigiam ao córrego

com suas bilhas d'água. Mas a expressão dos seis era de tal modo carregada e temível, que as mulheres e crianças não lhes diziam *mo*, ou seja, bem-vindo. Limitavam-se a se afastar do caminho para deixá-los passar. Na aldeia, pequenos grupos de homens foram se juntando a eles, até formarem uma massa considerável. Caminhavam em silêncio. À medida que cada um dos seis chegava ao seu *compound*, entrava, e uma parte do grupo entrava com ele. Em toda a aldeia sentia-se uma agitação silenciosa e reprimida.

Ezinma tinha preparado algo para o pai comer assim que se espalhou a notícia de que os seis homens seriam libertados. Levou-lhe a comida ao *obi*. Ele comeu distraidamente. Não sentia apetite; comia apenas para satisfazer à filha. Todos os parentes e amigos haviam se reunido no *obi* de Okonkwo, e Obierika insistia, neste momento, para que ele comesse. Ninguém mais falava, porém observavam os compridos lanhos nas costas de Okonkwo, onde o chicote do carcereiro cortara a carne.

À noite, o pregoeiro tornou a percorrer a aldeia. Batia o agogo, a anunciar que outra reunião se realizaria na manhã seguinte. Todos sabiam que, finalmente, Umuófia iria se pronunciar sobre o acontecido.

Okonkwo dormiu muito pouco. À amargura de seu coração, misturava-se agora uma espécie de excitação infantil. Antes de ir para a cama, tirara para fora seu traje de guerra, no qual não tinha mexido desde o retorno do exílio. Sacudira o saioite de rãfia e examinara o alto cocar de plumas e o escudo. Estavam em estado satisfatório, pensara consigo mesmo.

Deitado na cama de bambu, pôs-se a recordar o tratamento recebido no tribunal do homem branco, e jurou vingança. Se Umuófia se resolvesse pela guerra, tudo bem. Mas, se decidisse

se acovardar, ele se vingaria por conta própria. Recordou-se de guerras passadas. A mais nobre, em sua opinião, fora a campanha contra Isike. Naquela época, Okudo ainda estava vivo. Okudo entoava uma canção guerreira como ninguém. Não era um lutador, mas sua voz conseguia transformar todos os homens em leões.

— Homens de valor já não existem — suspirou Okonkwo, relembrando os grandes dias do passado. — Isike jamais esquecerá como atuamos naquela guerra. Matamos doze de seus homens e eles só mataram dois dos nossos. Antes que se encerrasse a quarta semana de mercado, eles já pediam paz. Bons tempos aqueles, quando os homens eram homens de verdade.

Enquanto pensava em todas essas coisas, ouviu à distância o som do agogô. Ficou atento, mas mal podia ouvir a voz do pregoeiro, ainda muito fraca. Revirou-se na cama, e as costas lhe doeram. Cerrou os dentes. O pregoeiro aproximava-se cada vez mais e, por fim, passou ao lado do *compound* de Okonkwo.

— O maior problema em Umuófia — pensou Okonkwo amargamente — é o covarde de Egonwanne. Com a labia que tem, é capaz de transformar fogo em cinza fria. Quando ele fala, comove nossos homens, que ficam sem força. Se todos, há cinco anos, tivessem ignorado sua sabedoria feminina, não teríamos chegado à situação em que hoje nos encontramos. — Rilhou os dentes. — Amanhã ele vai dizer a todo mundo, com certeza, que nossos pais jamais lutaram numa “guerra culposa”. Se lhe derem ouvidos, eu os abandonarei e planeiarei minha própria vingança.

Novamente a voz do pregoeiro se tornara fraca, e a distância ia dissolvendo a aspereza metálica do agogô. Okonkwo virava e se revirava na cama, extraindo um certo prazer das dores que sentia.

— Se amanhã Egonwanne falar sobre uma “guerra culpo-

sa”, eu lhe mostrarei minhas costas e minha cabeça. — E rilhou os dentes mais uma vez.

Ao nascer do sol, a praça do mercado começou a se encher. Obierika já estava à espera, em seu *obi*, quando Okonkwo apareceu para chamá-lo. Pendurou num dos ombros o saco de pele de cabra, no outro o facão embainhado, e saiu para juntar-se ao amigo. A cabana de Obierika ficava perto da estrada e ele via todos os homens que passavam, dirigindo-se à praça do mercado. Cumprimentara muitos dos passantes naquela manhã.

Quando Okonkwo e Obierika chegaram ao local do encontro, já havia tanta gente lá que, se alguém jogasse um grão de areia para cima, o grão não ia encontrar o caminho de volta até o chão. E continuava a chegar cada vez mais gente, vinda de todos os cantos das nove aldeias de Umuófia. Okonkwo sentiu a alma reconfortada diante da força representada por tão grande número de pessoas. Mas ele estava à procura de um homem em especial, o homem cuja língua tanto temia e desprezava.

— Você já conseguiu avistá-lo? — perguntou a Obierika.

— Quem?

— Egonwanne — respondeu Okonkwo, cujo olhar esquadinhava todos os cantos da imensa praça do mercado. A maior parte dos homens acomodara-se no chão, sobre peles de cabra. Alguns estavam sentados em bancos de madeira, trazidos de casa.

— Não — disse Obierika, lançando um olhar pela multidão. — Ah! Lá está ele, debaixo da paineira. Você tem medo de que ele consiga nos convencer a não lutar?

— Medo? Eu não me importo com o que ele possa dizer ou fazer a vocês. Desprezo aquele homem e todos aqueles que lhe dão ouvido. Lutarei sozinho, se assim eu decidir.

Os dois precisavam conversar quase aos gritos, porque todo mundo falava ao mesmo tempo e o barulho era igual ao de um grande mercado.

“Esperarei para ver o que ele vai dizer”, pensou Okonkwo. “Depois falarei eu.”

— Mas como é que você sabe que Egonwanne vai falar contra a guerra? — indagou Obierika depois de algum tempo.

— Porque sei que ele é um covarde — replicou Okonkwo. Obierika não ouviu direito toda a resposta porque, naquele preciso instante, alguém tocou seu ombro e ele se virou para trocar cumprimentos e apertos de mão com cinco ou seis amigos. Okonkwo não se virou, embora tivesse reconhecido as vozes. Não estava com disposição para cumprimentar ninguém. Mas um dos homens tocou seu ombro e perguntou como ia passando o pessoal do *compound* dele.

— Todos bem — respondeu ele secamente.

O primeiro a falar ao povo de Umuófia naquela manhã seria Okika, um dos seis homens que tinham sido presos. Okika era um grande homem e um bom orador. Mas não possuía o tom de voz tonitruante necessário a todo aquele que fala em primeiro lugar, para impor completo silêncio a uma assembleia do clã. Onyeka, sim, tinha o tom de voz certo, por isso pediram-lhe que dirigisse a saudação de praxe a Umuófia antes que Okika começasse a falar.

— *Umuófia kwenu!* — berrou ele, erguendo o braço esquerdo e empurrando o ar com a mão espalmada.

— *Yai!* — rugiu o povo de Umuófia.

— *Umuófia kwenu!* — berrou ele novamente, e outra vez e mais outra, voltando o rosto cada uma das vezes para uma direção diferente. E a multidão respondia: — *Yai!*

Depois, fez-se um silêncio imediato, como se houvessem jogado água fria numa chama crepitante.

Okika pôs-se de pé num salto e também saudou os companheiros do clã quatro vezes. Em seguida, começou a falar:

— Todos vocês sabem por que estamos aqui, quando deveríamos estar construindo nossos celeiros ou consertando nossas cabanas, quando deveríamos estar pondo em ordem os nossos *compounds*. Meu pai costumava me dizer: “Sempre que você vir um sapo saltando em plena luz do dia, é bom saber que algo ameaça a sua vida”. No momento em que vi todos vocês, de manhã cedinho, chegando em massa para esta reunião, vindos de todas as zonas em que reside nosso clã, percebi logo que alguma coisa ameaçava a vida de todos nós.

Fez uma pausa por alguns instantes, e recomeçou:

— Todos os nossos deuses estão chorando. Idemili está chorando, Agbala está chorando, e todos os demais. Nossos pais mortos estão chorando por causa do vergonhoso sacrilégio que estão sofrendo e da abominação a que todos assistimos com nossos próprios olhos.

Interrompeu-se de novo, para firmar a voz trêmula.

— Esta é uma grande reunião. Nenhum outro clã pode se gabar de possuir maior número de gente ou maior coragem. Mas estaremos todos presentes aqui? Pergunto a vocês: todos os filhos de Umuófia estão aqui hoje?

Um longo murmúrio percorreu a multidão.

— A resposta é não — continuou Okika. — Nosso clã foi rachado e muitos membros tomaram caminhos diversos. Nós, os que aqui estamos esta manhã, permanecemos fiéis a nossos antepassados, porém alguns de nossos irmãos desertaram, juntando-se a um forasteiro para enodoar a terra de seus pais. Se lutarmos contra o forasteiro, teremos de combater esses nossos irmãos e talvez derramemos o sangue de membros do clã. Devemos, contudo, fazê-lo. Nossos pais jamais imaginaram, nem em sonhos, que algo semelhante pudesse acontecer, pois jamais mataram seus

irmãos. Mas nunca houve um homem branco no meio deles. Por isso precisamos fazer o que nossos pais nunca fariam. Perguntaram a Eneke, o pássaro, por que ele estava sempre voando, e Eneke respondeu: “Os homens aprenderam a atirar sem errar o alvo e eu aprendi a voar sem pousar num galho”. Precisamos erradicar este mal. E se nossos irmãos ficarem do lado do mal, devemos erradicá-los também. E isso deve ser feito *já*. Precisamos baldear esta água agora, enquanto ela ainda só alcança o nosso tornozelo...

Nesse instante, houve uma súbita agitação na multidão, e todos os olhares se voltaram para o mesmo lado. Havia uma curva muito pronunciada na estrada que ia da praça do mercado ao tribunal do homem branco e, depois, até o córrego. Por isso ninguém percebera a aproximação de cinco guardas até o momento em que contornaram a curva e chegaram ao pé da multidão. Okonkwo estava sentado bem perto deles.

Levantou-se num salto assim que os viu. Enfrentou o chefe dos guardas, trêmulo de ódio, incapaz de pronunciar uma só palavra. O homem era corajoso e não cedeu terreno; ali ficou, firme, com os quatro companheiros atrás dele.

Naquele breve instante, o mundo também pareceu ficar imóvel, à espera. O silêncio era absoluto. Os homens de Umuófia, mudos, confundiam-se com o cenário de gigantescas árvores e trepadeiras, e esperavam.

A magia foi quebrada pelo chefe dos guardas.

— Deixe-me passar — ordenou.

— O que é que você veio fazer aqui?

— O homem branco, cujo poder vocês estão fartos de conhecer, ordenou que esta reunião fosse suspensa.

Imediatamente, Okonkwo desembainhou o facão. O guarda agachou-se para evitar o golpe. Foi inútil. O facão de Okonkwo abateu-se sobre ele duas vezes, e a cabeça do guarda rolou pelo chão ao lado do corpo.

O que antes parecia fazer parte do cenário criou vida, repentina e tumultuosamente. A reunião terminara. Okonkwo continuava parado, de olhos fixos no morto. Tive a certeza de que Umuófia não iria à guerra. Sabia disso porque haviam deixado os outros guardas escapar. O povo se entregara ao tumulto em vez de agir. Distinguiu sinais de medo em meio a toda aquela desordem. Ouviu vozes perguntando:

— Por que será que ele fez isso?

Limpou o facão na areia e foi embora.

Quando o comissário chegou ao *compound* de Okonkwo, à frente de um bando de soldados armados e de guardas do tribal, encontrou um punhado de homens sentados no *obi* com ar desalentado. Ordenou-lhes que saíssem e eles obedeceram sem um murmúrio sequer.

— Quem de vocês se chama Okonkwo? — perguntou o comissário através do intérprete.

— Ele não está aqui — respondeu Obierika.

— Onde ele está?

— Não está aqui!

O comissário ficou zangado e enrubesceu. Advertiu-os de que, a menos que providenciassem o imediato comparecimento de Okonkwo, seriam todos metidos na cadeia. Os homens sussurraram entre si, e Obierika tornou a falar.

— Podemos levá-lo ao local onde ele se encontra, e talvez seus homens possam nos ajudar.

O comissário não entendeu o que Obierika queria dizer com “talvez seus homens possam nos ajudar”. Um dos hábitos mais

irritantes daquela gente era o amor pelas palavras supérfluas, pensou.

Obierika, acompanhado por mais cinco ou seis de seus companheiros, foi à frente. O comissário e seus homens seguiram-nos, com as armas engatilhadas. Advertira Obierika de que, se ele ou qualquer de seus acompanhantes tentasse alguma artimanha, seria morto a tiros. E, assim, puseram-se a caminho.

Havia um pequeno matagal atrás do *compound* de Okonkwo. A única abertura para esse matagal, de dentro do *compound*, era um pequeno buraco redondo no muro de barro vermelho, através do qual as galinhas entravam e saíam em sua incessante busca de alimento. O buraco não era suficientemente grande para dar passagem a um homem. Foi na direção desse matagal que Obierika levou o comissário e seus homens. Deram a volta por fora do *compound*, procurando manter-se o mais perto possível do muro. O único ruído que faziam era com os pés, ao pisarem as folhas secas.

E assim chegaram à árvore da qual pendia o corpo de Okonkwo. Ficaram imóveis diante dela.

— Talvez seus homens possam nos ajudar a tirá-lo dali e a enterrá-lo — disse Obierika. — Mandamos chamar gente de outras aldeias, a fim de nos prestarem esse serviço, mas talvez ainda demorem a chegar.

O comissário sofreu uma mudança instantânea. O resoluto administrador que nele havia cedido lugar ao estudioso dos costumes primitivos.

— Por que vocês mesmos não podem tirá-lo dali? — indagou.

— Porque é contra os nossos costumes — respondeu um dos homens. — Nós consideramos o suicídio de um homem um ato abominável. É uma ofensa contra a terra, e aquele que a cometer não poderá ser enterrado pelos membros de seu clã. O

corpo desse homem é maligno, e só forasteiros podem tocá-lo. Por isso pedimos que seus homens nos ajudem a despendurá-lo dali, pois todos vocês são forasteiros.

— Ele será enterrado como qualquer outro homem? — perguntou o comissário.

— Nós não podemos enterrá-lo; só estranhos podem fazê-lo. Estamos dispostos a pagar a seus homens para que façam isso. E então, depois que ele tiver sido enterrado, cumpriremos nosso dever para com o morto. Faremos sacrifícios, a fim de limpar a terra profanada.

Obierika, que estivera a olhar fixamente para o corpo enforcado do amigo, virou-se de repente para o comissário e disse-lhe, com ferocidade na voz:

— Aquele que ali está foi um dos maiores homens de Umuófia. O senhor levou-o a cometer o suicídio, e agora ele será enterrado como um cão...

Não conseguiu dizer mais nada. A voz começou a tremer-lhe, fazendo com que as palavras saíssem sufocadas.

— Cale-se! — gritou um dos guardas, sem necessidade.

— Retirem o corpo dali — ordenou o comissário ao chefe dos guardas — e conduza toda essa gente ao tribunal.

— Sim, patrão — respondeu o guarda, fazendo continência. O comissário foi embora, levando três ou quatro soldados.

Durante os muitos anos em que arduamente vinha lutando para trazer a civilização a diversas regiões da África, tinha aprendido várias coisas. Uma delas era que um comissário distrital jamais deveria presenciar cenas pouco dignas, como, por exemplo, o ato de cortar a corda de um enforcado. Se o fizesse, os nativos teriam uma pobre opinião dele. No livro que planejava escrever, daria ênfase a esse ponto. Enquanto percorria o caminho de volta ao tribunal, ia pensando em seu livro. Cada dia que passava trazia-lhe um novo material. A história desse homem que mata-

ra um guarda e depois se enforcara daria um trecho bem interessante. Talvez rendesse até mesmo um capítulo inteiro. Ou, talvez, não um capítulo inteiro, mas, pelo menos, um parágrafo bastante razoável. Havia tantas coisas mais a serem incluídas, que era preciso ter firmeza e eliminar os pormenores.

O comissário, depois de muito pensar, já havia escolhido o título do livro: *A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger*.

Glossário

- afo* Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os demais são *eke*, *oye* e *nkwo*.
- agadi-nwayi* Mulher velha.
- agbala* Mulher; a palavra aplica-se depreciativamente a um homem que não possui um título que o distingua na sociedade.
- Agbala* Um dos oráculos divinos dos ibos.
- Amadiora* O deus do trovão.
- Ani* A deusa da terra.
- cauri* (*Cypraea moneta*) Pequeninna concha de um loughado branco, lisa e com uma estreita fenda serrada na parte de baixo. Proveniente sobretudo das ilhas Maldivas, servia de moeda na África e também no subcontinente indiano.
- chi* O deus de cada pessoa, e que é só dela; mais do que um anjo da guarda.
- cola* Noz do fruto da árvore da família das esterculiáceas (das quais a mais comum é a *Cola acuminata*).

	<i>ta</i>), muito usada na África Ocidental como estimulante e refrescante. Mascada, seu gosto é de início acre, mas depois deixa na boca uma sensação muito agradável. Geralmente oferecida aos visitantes, é também usada como alimento de ofertório aos deuses e aos ancestrais. Na Bahia é conhecida pelos nomes que toma em iorubano, obi e orobô.
<i>compound</i>	Conjunto de habitações onde mora uma família, geralmente cercado ou murado.
<i>Eeze</i>	Dente.
<i>egwugwu</i>	Mascarado que personifica um dos grandes ancestrais de uma comunidade. Além da máscara, apresentava o corpo inteiramente coberto de ráfia.
<i>eke</i>	Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os demais são <i>oye</i> , <i>nkwo</i> e <i>afọ</i> .
<i>ekwe</i>	Tambor de madeira cujas batidas imitam as entonações da voz humana.
<i>foo-foo</i>	Pasta de inhame pilado; massa branca, semelhante à pamonha na forma e na consistência e que se mergulha num molho condimentado.
<i>hamatã</i>	Vento seco e frio, carregado de uma areia muito fina, que sopra do deserto do Saara sobre as savanas, os cerrados e as florestas da África Ocidental.
<i>ikenga</i>	Estatueta de madeira, com chifres, que expressa o valor, o esforço e as qualidades especiais de cada indivíduo. É invocada por seu possuidor para lhe trazer êxito.
<i>ilo</i>	Praca que toda aldeia possui e na qual se realizam as assembleias, as festas e as competições desportivas.
<i>inyanga</i>	Exibicionismo.

<i>isa-ifl</i>	Cerimônia que se realiza após uma longa ausência do marido, a fim de assegurar-se de que a esposa não lhe foi infiel durante o período de separação. É também usual antes do casamento.
<i>iji-uwu</i>	Pedra que vincula um <i>ogbanje</i> ao mundo dos espíritos; se achada e desenterrada, cessa o ciclo de nascimentos e mortes do <i>ogbanje</i> , e a criança sobrevive.
<i>ijigida</i>	Fieira de contas usada na cintura pelas moças solteiras.
<i>kotma</i>	Mensageiro do poder; no contexto do livro, ci-paio.
<i>kwenu</i>	Uma saudação. Na frase <i>Umúfía kwenu</i> , que, entre os ibos, o mais velho ou o mais importante membro de um grupo deve sempre gritar no início de uma assembleia, significa: "Povo de Umúfía, estamos de acordo?".
<i>nso-ani</i>	Ofensa religiosa grave.
<i>nza</i>	Nome de um passarinho.
<i>obi</i>	A casa do homem num <i>compound</i> , distinta da morada de suas esposas.
<i>ogbanje</i>	Criança que, segundo a crença, morre e volta repetidas vezes ao ventre materno para nascer de novo, causando assim um enorme sofrimento à mãe e a toda a família.
<i>oji odu achu-ijiji-o</i>	A vaca, ou aquela que usa o rabo para espantar as moscas.
<i>osu</i>	Pátria; dedicado a uma divindade, não podia ter qualquer tipo de relação ou contato com os homens livres; vivia com outros <i>osus</i> , separado das demais pessoas.
<i>oye</i>	Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os demais são <i>eke</i> , <i>nkwo</i> e <i>afọ</i> .

ozo

Um dos mais importantes títulos ibos e o nome da sociedade desses homens eminentes. Para ingressar nela, é preciso efetuar grandes despesas.

tufia

Juramento ou praga.

udu

Instrumento musical; um pote em cuja abertura se bate com um abanador, para produzir um som semelhante ao do contrabaixo.

unuada

Reunião de mulheres da mesma família, quando retornam à aldeia de onde são originárias.

umunna

A família extensa; a ampla parentela.

uri

Cerimônia do noivado, quando o pretendente completa o pagamento do preço da noiva.